

FRANCISCO TOPA

**POESIA DISPERSA E INÉDITA
DO SETECENTISTA BRASILEIRO
FRANCISCO JOSÉ DE SALES**

Edição do Autor

Porto — 2001

Para o Zé Luís

ÍNDICE

Apresentação	7
Siglas e abreviaturas utilizadas	9
I. Introdução à vida e obra de Francisco José de Sales	11
II. Inventário testemunhal dos poemas de Francisco de Sales	19
A. Poemas de autoria segura	21
1. Poemas publicados em vida do autor	21
2. Poemas publicados postumamente	23
3. Poemas inéditos	25
B. Poemas de autoria duvidosa	28
III. Normas de transcrição dos poemas e critérios da edição	31
1. Opções de base	33
2. Normas de transcrição dos poemas	33
3. Apresentação do texto crítico e do aparato	36
IV. Edição crítica	39
A. Poemas de autoria segura	41
1. Poemas publicados em vida do autor	43
1. Idílio <i>Pela amena campina</i>	45
2. Ode <i>Como torna outra vez à nossa idade</i>	61
3. Poema <i>O militar esforço</i>	65
4. Soneto <i>Ou leve as armas a País remoto</i>	71
5. Soneto <i>Pôr duro freio ao dissoluto vício</i>	72
6. Soneto <i>Que vejo, ó Céus! É este o desgraçado</i>	73
7. Soneto <i>O extenso Pernambuco aos Céus erguia</i>	74
2. Poemas publicados postumamente	75
8. Soneto <i>Não é mais rara que um sincero amigo</i>	77
9. Soneto <i>Se alguém duvida que a beleza influa</i>	78
10. Soneto <i>Oxalá que constasse à gente toda</i>	79
11. Soneto <i>Nas profundas entranhas de um rochedo</i>	80
12. Canção <i>Ó vós, Zéfiros brandos, que voando</i>	81
3. Poemas inéditos	85
13. Idílio <i>Aonde acaba e estende</i>	87
14. Epístola <i>Nem por ver-vos, Amigo, tão ditoso</i>	94
15. Ode <i>Não procura palácios suntuosos</i>	99
16. Égloga <i>Graças a Deus que já dos seus tesouros</i>	101
17. Soneto <i>Contra Amor e Fortuna, meus contrários</i>	104

18. Soneto <i>Coridon, Coridon, dentro das veias</i>	105
19. Soneto <i>A Lira rouca, já destemperada</i>	106
20. Soneto <i>Uma única Ovelha era o meu gado</i>	107
21. Soneto <i>Uma tarde, inda o tenbo no sentido</i>	108
22. Soneto <i>Quanto custa, caríssimo Almenino</i>	109
23. Soneto <i>Dum mau Legislador a lei mesquinha</i>	110
24. Soneto <i>Visão triste ante os olhos s'ofrecia</i>	111
25. Soneto <i>Maligna estrela o puro afecto nosso</i>	112
26. Soneto <i>Esse laço que armou o Deus vendado</i>	113
27. Soneto <i>Por mais que o mar, ó Fábio, embravecido</i>	114
28. Soneto <i>É sintoma beleza e formosura</i>	115
29. Soneto <i>Cópia gentil que a mão do Omnipotente</i>	116
30. Soneto <i>Não é, não, generosa simpatia</i>	117
31. Soneto <i>Que acção misteriosa t'embaraça</i>	118
32. Soneto <i>Passa o dia, a semana, o mês e o ano</i>	119
33. Soneto <i>Não esquece o triunfo já passado</i>	120
34. Soneto <i>Compôs um livro o Mestre Frei Luís</i>	121
B. Poemas de autoria duvidosa	123
35. Soneto <i>O semblante risonho e engraçado</i>	125
V. Anotação complementar de poemas	127
VI. Bibliografia	135

APRESENTAÇÃO

Este trabalho sobre a poesia de Francisco José de Sales (1735?-1800/1801) resulta da reunião de um conjunto de dados que temos vindo a colher no decurso das nossas pesquisas sobre autores portugueses e brasileiros dos séculos XVII e XVIII.

Natural de Serro Frio, Minas Gerais, Francisco de Sales – tanto quanto permitem supor os escassos dados disponíveis sobre a sua biografia – terá feito toda a sua vida adulta em Portugal. Destacando-se como professor régio de Retórica e Poética e como estudioso dessas matérias, deixou-nos também uma obra poética de certa extensão que merece ser considerada. A quase totalidade dessa produção estava inédita: o próprio Sales publicou apenas seis poemas, incluídos em dois folhetos encomiásticos até agora desconhecidos; ainda em vida do autor, um outro tinha saído anónimo; postumamente, foram editados, também sem indicação de autoria, seis outros, um dos quais oferece algumas dúvidas de autoria.

Procurando contrariar a enraizada tendência para condenar ao esquecimento a quase totalidade da nossa literatura setecentista, daremos a conhecer a obra de Francisco José de Sales que nos foi possível reunir: editaremos as 13 composições já conhecidas, 7 delas com variantes significativas, e um total de 22 novos poemas (18 sonetos, 1 égloga, 1 epístola, 1 idílio e 1 ode). Como teremos oportunidade de explicar mais à frente, a origem brasileira deste autor quase não deixou marcas na sua poesia. Nesse sentido, não nos parece possível colocar Francisco de Sales ao lado da chamada “pléiade mineira”.

Uma palavra sobre a estrutura desta publicação. Depois da apresentação das siglas e abreviaturas que utilizamos no decurso do trabalho, o livro abre com uma breve introdução à vida e à obra do autor, seguindo-se um inventário testemunhal dos seus poemas. No capítulo seguinte, apresentamos de forma esquemática as normas que seguimos na transcrição dos textos e expomos o modelo e os critérios da nossa proposta de edição crítica, que ocupará o capítulo IV, dividido em duas grandes secções: A. Poemas de autoria segura; B. Poemas de autoria duvidosa. O primeiro grupo comportará três divisões: 1. Poemas publicados em vida do autor; 2. Poemas publicados postumamente; 3. Poemas inéditos. O capítulo V é reservado à anotação complementar de dois poemas. Aí editaremos um soneto inédito de Frei Joaquim Forjaz Pereira Coutinho que serviu de ponto de partida para uma réplica do nosso autor. O volume encerra com uma bibliografia.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

- ACL – Academia das Ciências de Lisboa
an. – anónimo
BA – Biblioteca da Ajuda
BADE – Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora
BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
BNL – Biblioteca Nacional de Lisboa
BM – Biblioteca Mindlin (biblioteca particular de São Paulo)
BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto
Cod. – Códice (Série de manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa)
Collecção de Poesias Ineditas – *Collecção de Poesias Ineditas dos Melhores Autores Portuguezes*
f. – fólio
FM – Fundo Manizola (Série de manuscritos da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora)
Folheto – *Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Joam de Almada, e Mello (...)*, de Francisco José de Sales
Januário, Parnazo Brasileiro – Januário da Cunha Barbosa, *Parnazo Brasileiro ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil (...)*
Jornal Encyclopedico – *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora (...)*
Licença – *No dia 21 de Setembro de 1788 (...)* Licença composta por Francisco Joseph de Sales
Miscellanea Curiosa – *Miscellanea Curiosa, e Proveitosa (...)*
Ms. – Manuscrito
p. – página
V – Vermelho (Série de manuscritos da Academia das Ciências de Lisboa)

**I. INTRODUÇÃO À VIDA E OBRA
DE FRANCISCO DE SALES**

1. São escassos e insatisfatórios os dados disponíveis sobre a vida de Francisco José de Sales. Apesar dos esforços que fizemos, não conseguimos acrescentar nada de essencial ao pouco que já se sabia. Este será portanto um aspecto que ficará aguardando a oportunidade de uma pesquisa mais demorada, que terá de incluir arquivos de ambos os lados do Atlântico.

Factos essenciais como os limites da existência do autor estão envoltos em alguma controvérsia. Inocêncio Francisco da Silva (1859: III, 56) dá-o como nascido em 1735, veiculando duas opiniões quanto ao local de nascimento: Pernambuco ou Lisboa. Parte da dúvida é esclarecida pelos dados constantes do seu processo como estudante da Universidade de Coimbra: de acordo com o catálogo elaborado por Francisco Morais (1949: 225), o nosso poeta nasceu no Serro Frio, Minas Gerais, e era filho de Francisco Lopes. Por outro lado, o facto de se ter matriculado em *Instituta* a 14/1/1756 torna credível a data de nascimento apontada por Inocêncio. Quanto ao seu percurso universitário, a documentação mostra que se inscreveu em Cânones no ano seguinte e que se matriculou também nos três anos subsequentes. Apesar disso, segundo a informação recolhida por Francisco Morais, não terá concluído o curso, não merecendo por isso o título de “Dr.” que alguns testemunhos manuscritos lhe atribuem.

Pouco se sabe também da actividade profissional de Francisco de Sales. Segundo Inocêncio (1859: III, 56), foi «Professor regio de Rhetorica e Poetica em Lisboa, cargo que exerceu por muitos annos com grande credito do seu nome». De acordo com a indicação de autoria constante de um dos testemunhos manuscritos que inventariámos (o Ms. 424 do Fundo Manizola da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora, f. 96r), o nosso autor terá igualmente exercido o cargo em Évora. A par do magistério, afirma o autor do *Diccionario Bibliographico* que Francisco de Sales se dedicou também à tradução e anotação de tratados clássicos de retórica e poética. Entre as suas obras desaparecidas estaria, declara Inocêncio, «uma versão completa dos tres livros *De Oratore* de Cicero, na qual vinham apontados todos os logares de que se serviu Quintiliano para as suas *Instituições Rhetoricas*». De acordo com o mesmo bibliógrafo, seriam também dele as notas que acompanham as traduções de Longino e Luciano publicadas em 1771 pelo P.^e Custódio José de Oliveira.

Ainda segundo Inocêncio Francisco da Silva, Sales terá sido membro da Arcádia de Lisboa, com o nome de Títiro Parteniense.

Relativamente à data do seu falecimento, dispomos apenas do testemunho, não definitivo, do autor do *Diccionario Bibliographico*: 1800 ou 1801.

2. A inventariação rigorosa e sistemática da obra de Francisco José de Sales estava por fazer, o que ajuda a explicar que a crítica e a historiografia literárias sobre o setecentismo ignorem por completo o autor.

Como deixámos dito, Sales apenas publicou seis poemas, incluídos em dois folhetos encomiásticos até agora ignorados. Em rigor, o segundo deles, de 1789 – a que faremos referência no capítulo seguinte – não era inteiramente desconhecido: Inocêncio (1859: II, 413-414) refere-se-lhe, ainda que de forma equivocada, atribuindo-o ao P. ^e Francisco José da Serra Xavier. Também em vida do autor, mas sem indicação de autoria, saiu, em duas publicações colectivas, o idílio *Pela amena campina* (peça 1 da nossa edição). Pouco depois da morte de Sales, viriam a ser editadas, também anónimas e incluídas numa miscelânea, seis outras composições, uma das quais oferece algumas dúvidas no que respeita à autoria. Aproveitando as pesquisas que vimos realizando nos últimos anos sobre poetas portugueses e brasileiros dos séculos XVII e XVIII, identificámos em cinco bibliotecas portuguesas e uma estrangeira um total de doze miscelâneas manuscritas que trazem novos e decisivos elementos para a inventariação da obra poética de Francisco José de Sales. Por um lado, descobrimos novos testemunhos para os poemas que tinham saído anónimos. Apresentando variantes significativas, esses manuscritos resolvem também em definitivo a dúvida de autoria que estava colocada. Por outro lado, reunimos 22 composições inéditas (18 sonetos, 1 égloga, 1 epístola, 1 idílio e 1 ode).

Graças a estes novos dados, chegamos assim a um total de 35 poemas – 34 de autoria segura e 1 de autoria controversa –, distribuídos do seguinte modo: 27 sonetos, 2 idílios, 2 odes, 1 canção, 1 égloga, 1 epístola, 1 outro poema. Não sendo muito extensa, pensamos contudo que a obra de Francisco de Sales assim reunida deve ser tida em conta pela crítica especializada que um dia se proponha reler de forma sistemática a literatura deste período.

3. Tentemos agora uma caracterização mínima da poesia do nosso autor.

Assumindo registos diversos, o lirismo amoroso é claramente dominante. Um dos motivos mais repetidos é o do sofrimento amoroso, causado pela não correspondência ou pela inconstância da amada. É o que acontece, por exemplo, no soneto *Se alguém duvida que a beleza influa* (peça 9), em que o sujeito se lamenta de «Délia crua», «mais vária que a triforme Lua». Há momentos em que um registo pessoal dá lugar a uma reflexão mais abstracta, igualmente marcada pela desilusão. Sirva de exemplo o soneto *Contra Amor e Fortuna, meus contrários* (peça 17):

Inimigas, não há poder que as una,
Que sem amor fortuna é bem perdido,
Como amor é perdido sem fortuna (vv. 12-14).

Outro modo de representação mais distanciada do sofrimento amoroso consiste no tratamento de episódios mitológicos. É o que se verifica nos dois idílios: *Pela amena campina* (peça 1) e *Aonde acaba e estende* (peça 13), que abordam respectivamente a história de Orfeu e o rapto de Europa. Embora esbatida pela não

coincidência entre enunciador e sujeito lírico, a força emotiva encontra formas de se exprimir com intensidade. É o que se verifica nos momentos em que a palavra é cedida aos protagonistas. É o que acontece ainda nas passagens em que se esboça um quadro no qual todos os elementos – sobretudo os da natureza – reflectem as emoções do sujeito. Importantes também são os recursos expressivos de que o autor vai lançando mão. Atente-se, a título exemplificativo, na seguinte passagem do primeiro dos idílios, em que a dor sentida por Orfeu perante a perda de Eurídice é comparada com a reacção do rouxinol e do «fiel pombinho»:

Qual Roixinol que a prole
Do ninho vê roubada,
Como que dele espera que o console,
Ao Céu invia a queixa magoada;
Ou qual fiel pombinho
Que não bebe água pura se mesquinho
A doce companheira infeliz perde
Nem como dantes pousa em tronco verde (vv. 113-120).

O lirismo amoroso surge também numa perspectiva mais eufórica, pautada por uma nota de sensualidade. É o caso da canção *Ó vós, Zéfiros brandos, que voando* (peça 12) e do soneto *Uma tarde, inda o tenho no sentido* (peça 21), este último consagrado à narração bem-humorada de uma ousadia sensual do pastor.

Outra vertente importante da obra de Francisco José de Sales é a poesia de orientação moral e sentenciosa, geralmente marcada por um tom de desalento. Veja-se o soneto *Não é mais rara que um sincero amigo* (peça 8), que aborda o tópico da amizade: «E tu que amigo verdadeiro achares,/ Dize que a Féris encontrar soubeste (vv. 13-14). Ou aquele que começa por *Oxalá que constasse à gente toda* (peça 10), sobre a instabilidade da Fortuna: «Depois de gasta a vida em esperança,/ Não dura o teu favor mais do que um dia» (vv. 13-14). Ou ainda o que o autor consagra «À brevidade da vida» (peça 32):

Passa o dia, a semana, o mês e o ano,
E sendo cada instante um homecida,
A esta perene morte chama vida,
Por antífrase, cego o nosso engano (vv. 1-4).

Na poesia deste tipo destaca-se também o aproveitamento de figuras e temas da histórica clássica. É o que se verifica nos sonetos *Não é, não, generosa simpatia* (peça 26) e *Que acção misteriosa t'embaraça* (peça 27). Já na ode *Não procura palácios suntuosos* (peça 15), o tema da saúde – que o autor considera «(...) Filha do Céu, Mãe da alegria,/ Dom de Deus piedoso» (vv. 25-26), «Só aos justos devido» (v. 44) – é aproveitado para uma crítica aos:

(...) ímpios que se assentam
A saborosas mesas,

Que adormecem em leitos guarnecidos
De seda preciosa (vv. 45-48).

Orientação mais didáctica revela o soneto *Por mais que o mar, ó Fábio, embravecido* (peça 27), que reflecte sobre «o valor do varão forte».

Interessante também é o único texto satírico de Sales, o soneto *Compôs um livro o Mestre Frei Luís* (peça 34), que replica com graça a um outro soneto feito em ataque ao *Compendio de Orthographia*, de Frei Luís do Monte Carmelo:

O Mestre fez um livro de Aprendiz,
O Poeta um soneto de Rapaz;
Que só podem servir cá para trás,
Na limpeza do fétido país (vv. 5-8).

Apesar de revelarem uma adesão a alguns dos princípios da ilustração pombalina, parecem-nos menos conseguidos os poemas encomiásticos: a ode *Como torna outra vez à nossa idade* (peça 2) e o poema *O militar esforço* (peça 3) mais os quatro sonetos seguintes. O primeiro é dedicado a João de Almada e Melo, enaltecendo a sua actuação governativa no Porto e os vários domínios da renovação que empreendeu (obras públicas, economia, justiça, artes). A primeira estrofe pode servir para ilustrar o tom do encómio:

Como torna outra vez à nossa idade
O tempo de Saturno!
Quem, para a revestir de claridade,
Levanta o véu nocturno
Que as terras assombrava! A quem devemos
O júbilo que vemos
Por elas espargido! Só logrado
No século doirado! (vv. 1-8)

Os outros textos mencionados são dirigidos a D. Tomás José de Melo, Governador de Pernambuco e Paraíba, e constituem a marca mais visível da presença do Brasil na obra de Francisco de Sales. Com uma orientação semelhante à da ode atrás comentada, estes cinco poemas destacam os melhoramentos introduzidos por D. Tomás de Melo, ao nível das obras públicas, da administração, do exército, do ensino, da assistência social e hospitalar. Um aspecto curioso do primeiro texto tem a ver com o grande número de notas explicativas que o acompanham. O conhecimento preciso da realidade local e da actuação do governante revelado por essas notas não deixa de ser surpreendente. Teria o nosso autor um correspondente local que lhe facultasse essas informações ou conheceria *de visu* a matéria de tais poemas? Infelizmente, a escassa informação biográfica disponível não permite responder à pergunta.

De qualquer modo, quer se tenha realizado ou não a viagem a Pernambuco, a verdade é que o Brasil está praticamente ausente da obra de Sales. A

única referência “ufanista” a esse espaço ocorre no poema *O militar esforço*, quando se fala no «(...) Território vasto/ Deste fértil País (...)» (vv. 29-30); mas a verdade é que o contexto, com o enaltecimento de D. Maria I, desvaloriza esse hipotético sinal: «(...) que a Vós confia/ A mais alta Rainha do Universo» (vv. 30-31). A outra referência, de sinal contrário, ao Brasil ocorre na ode *Não procura palácios suntuosos*, quando o autor menciona os «ocultos sertões» (v. 35) e o «Bárbaro Tapuia» (v. 36).

Antes de terminar, importa ainda chamar a atenção para um aspecto, lateral mas importante, de um dos poemas, a epístola *Nem por ver-vos, Amigo, tão ditoso* (peça 14). Trata-se da reflexão metapoética presente no momento inicial do texto, que serve de introdução à expressão da mágoa sentida pelo sujeito perante a partida do amigo. Ainda que não apresente novidades significativas do ponto de vista da teoria poética, cremos que este momento em que o autor discorre sobre a adequação do estilo à matéria do texto deve ser assinalado:

Não pertendais de mim verso alto e erguido,
Que só costuma ser pesada e triste
A frase em que se explica algum gemido.

Que seja nessa ou noutra, não consiste
Nisso a graça dos Versos, se são feitos
À imitação da dor que n’Alma assiste.

Pastores ouvi já que por conceitos
Somente se explicavam; mas contudo
Não eram no lugar os mais aceitos.

Quem sofrera um tormento fero e duro
Que fê nos merecera se o contara
Da maneira que conta o mais sesudo?

Por mais alta expressão com que buscara
Fazer-nos vivamente uma pintura
De seus males, ninguém lha acreditara.

De um que vive malquisto da Ventura
Que se pode esperar senão que diga
Forçados versos de cadência dura? (vv. 7-24)

Posto isto, falta-nos ainda fazer um comentário sobre a arte versificatória da obra de Francisco José de Sales. Antes de mais, parece-nos importante sublinhar a variedade de formas poéticas: soneto, idílio, ode, canção, égloga, epístola e ainda um poema de outro tipo. Por outro lado, convém notar a diversidade de esquemas estróficos, métricos e rimáticos, que em parte decorre da variedade das formas acabadas de mencionar. Relativamente ao primeiro aspecto, o autor recorre sobretudo à oitava, ao terceto e à quadra, mas apresenta também um texto com

estrofação irregular. O metro dominante é o decassílabo, que, nos poemas mais longos, alterna com frequência, em modelos diversos, com o seu quebrado. Quanto à rima, os esquemas são variados, havendo contudo poemas de versos brancos.

Não se afastando da linha dominante da nossa poesia arcádica, a obra de Francisco José de Sales apresenta contudo, em nossa opinião, motivos de interesse que justificam a utilidade desta tentativa de reunião.

**II. INVENTÁRIO TESTEMUNHAL DOS POEMAS
DE FRANCISCO JOSÉ DE SALES**

Fazemos notar que a indicação dos testemunhos manuscritos será feita através das siglas arroladas no início do volume. Em primeiro lugar, será apontada a biblioteca a que o testemunho pertence e, se for caso disso, a respectiva colecção; em seguida virá indicado o número do manuscrito ou códice e depois as páginas ou fólios em que o poema ocorre. No final, caso o texto não seja atribuído a Francisco José de Sales, virá entre parênteses o nome do autor proposto ou a indicação de que se trata de uma composição anónima.

A. Poemas de autoria segura

1. Poemas publicados em vida do autor

1. Idílio *Pela amena campina*

Testemunhos impressos

– *Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, ou Compilação, tirada das melhores obras das nações estrangeiras*; traduzida, e ordenada por *** C.I., tomo VI, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1784, 337-349 (an.)

– *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora e destinado para instrução geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes*, Abril de 1789; Lisboa, Offic. de Filippe da Silva e Azevedo, 1789, 106-122 (an.)

– *Januário da Cunha Barbosa – Parnazo Brasileiro ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como já impressas*, tomo I, caderno 2.º, Rio de Janeiro, Typographia Imperial e Nacional, 1830, 17-29

Testemunhos manuscritos

– BADE, FM, Ms. 424¹, f. 65r-72v

– BGUC, Ms. 2555², f. 10v-19v

– BNL, Cod. 11491³, 1-31

– BPMP, Ms. 1129⁴, 108-121

¹ Trata-se de um cancionero poético que abarca textos da segunda metade do século XVIII.

² É também uma miscelânea poética que inclui poemas do mesmo período.

³ Este florilégio apresenta o seguinte título: «Obras Poeticas/ Recopiladas do Entuziasmo/ de/ Varios Engenhos modernos./ Lisboa/ =1773=».

⁴ Miscelânea que recolhe poemas do final do século XVIII.

Embora nas duas primeiras publicações, contemporâneas do autor, o poema tenha saído anónimo, os quatro testemunhos manuscritos que descobrimos são unânimes na atribuição da autoria a Francisco José de Sales.

2. Ode *Como torna outra vez à nossa idade*

Testemunho impresso

– Folheto sem data, sem indicação do impressor e sem paginação, intitulado *Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Joam de Almada, e Mello. Do Concelho de S. M. F. Tenente General dos seus Exércitos, com o Governo das Armas do Porto, e seu Partido. Governador das Justiças, Presidente da Marinha, e da Câmara da mesma Cidade, &c. &c. &c.* No final vem: «Oferecida por Francisco Joseph de Sales. S. D. A. L. P.»

Apesar de não datada, é quase certo que esta publicação seja anterior a 1786, data do falecimento de João de Almada e Melo.

3. Poema *O militar esforço*

Testemunho impresso

– *No dia 21 de Setembro de 1788. Faustissimo pelo nascimento do Il.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor D. Thomaz Joseph de Mello, do Conselho de Sua Magestade, Cavalleiro da Sagrada Religião de Malta, Coronel do Mar, da Armada Real da mesma Senhora, Governador, e Capitão General de Pernambuco, Paraíba, e mais provincias annexas, &c. &c. &c. Acabada a representação do insigne drama de Metastasio intitulado 'Ezjo em Roma' recitou o primeiro actor a seguinte Licença composta por Francisco Joseph de Sales, Lisboa, Offic. Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1789, 3-11*

Num artigo consagrado ao P.^o Francisco José da Serra Xavier, Inocência Francisco da Silva (1859: II, 413-414) refere duas publicações em que este presbítero secular e cronista ultramarino teria usado o pseudónimo de *Francisco José de Sales*. À primeira delas faremos referência no final deste inventário. A segunda é justamente o folheto de que estamos a tratar. A afirmação do ilustre bibliógrafo parece-nos claramente equivocada, tanto mais que não são apresentados argumentos justificativos. Por outro lado, não vemos que necessidade pudesse ter o P.^o Serra Xavier de recorrer a um pseudónimo. Além disso, se tal se tivesse verificado, não seria razoável que fosse optar por um que coincidia com o nome de um poeta contemporâneo. Supomos aliás que a declaração de Inocência se explica em parte pelo facto de o autor do *Diccionario Bibliographico* desconhecer que o nosso poeta – a que se refere como Francisco de Sales – se chamava efectivamente *Francisco José de Sales*.

4. Soneto *Ou leve as armas a País remoto*

Testemunho impresso

– *No dia 21 de Setembro de 1788 (...) Licença composta por Francisco Joseph de Sales*, 1789, p. 12

5. Soneto *Pôr duro freio ao dissoluto vício*

Testemunho impresso

– *No dia 21 de Setembro de 1788 (...) Licença composta por Francisco Joseph de Sales*, 1789, p. 13

6. Soneto *Que vejo, ó Céus! É este o desgraçado*

Testemunho impresso

– *No dia 21 de Setembro de 1788 (...) Licença composta por Francisco Joseph de Sales*, 1789, p. 14

7. Soneto *O extenso Pernambuco aos Céus erguia*

Testemunho impresso

– *No dia 21 de Setembro de 1788 (...) Licença composta por Francisco Joseph de Sales*, 1789, p. 15

2. Poemas publicados postumamente

8. Soneto *Não é mais rara que um sincero amigo*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas dos Melhores Autores Portuguezes*, tomo II, Lisboa, Nova Offic. de João Rodrigues Neves, 1810, p. 8 (an.)

Testemunhos manuscritos

– BADE, FM, Ms. 424, f. 31v

– BNL, Cod. 8610⁵, p. 15

Este e os quatro poemas seguintes, apesar de terem saído anónimos, não colocam problemas de autoria, dado que os testemunhos manuscritos que

⁵ Este códice intitula-se «Collecção/ de/ Sonetos,/ que se não achão/ impresos, extra=/ hidos dos ms / antigos, e/ moder/ nos./ 1786».

descobrimos são unânimes na indicação de Francisco de Sales como seu autor. Em relação aos sonetos, confirma-se assim a informação de J.J.C. Pereira e Sousa referida por Inocêncio (1870: IX, 373).

9. Soneto *Se alguém duvida que a beleza influa*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas (...)*, II, 1810, p. 9 (an.)

Testemunhos manuscritos

– BA, Ms. 50-III-48^o, f. 1v

– BADE, FM, Ms. 424, f. 43r

– BM, Ms. intitulado «Flores do Parnazo»⁷, V, [p. 32]

– BNL, Cod. 8610, p. 16

10. Soneto *Oxalá que constasse à gente toda*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas (...)*, II, 1810, p. 10 (an.)

Testemunho manuscrito

– BADE, FM, Ms. 424, f. 27r

– BNL, Cod. 8610, p. 21 (an.)

11. Soneto *Nas profundas entranhas de um rochedo*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas (...)*, II, 1810, p. 11 (an.)

Testemunhos manuscritos

– BNL, Cod. 8610, p. 213

– BM, Ms. intitulado «Flores do Parnazo», V, [p. 93]

12. Canção *Ó vós, Zéfiros brandos, que voando*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas (...)*, II, 1810, pp. 68-70 (an.)

⁶ Miscelânea poética com matéria do final do século XVIII.

⁷ O cancioneiro apresenta o seguinte título: «Flores do/ Parnazo/ ou/ Collecção/ de/ Obras Poeticas/ de/ Diferentes Auctores/ Junctas pelo cuidado/ de/ J... N... S... M...»; tomo V. Cota: RBM / 5 / b.

Testemunhos manuscritos
– BGUC, Ms. 2555, f. 6r-8r
– BM, Ms. intitulado «Collecção Poetica»⁸, II, f. 49v-51v (an.)

3. Poemas inéditos

13. Idílio *Aonde acaba e estende*

Testemunho manuscrito
– BADE, FM, Ms. 424, f. 60r-65r

14. Epístola *Nem por ver-vos, Amigo, tão ditoso*

Testemunho manuscrito
– BADE, FM, Ms. 424, f. 83r-85v

15. Ode *Não procura palácios suntuosos*

Testemunho manuscrito
– BADE, FM, Ms. 424, f. 96r-97r

16. Égloga *Graças a Deus que já dos seus tesouros*

Testemunho manuscrito
– BGUC, Ms. 2555, f. 8r-10r

17. Soneto *Contra Amor e Fortuna, meus contrários*

Testemunho manuscrito
– BNL, Cod. 8610, p. 269

18. Soneto *Coridon, Coridon, dentro das veias*

Testemunho manuscrito
– BNL, Cod. 8610, p. 270

⁸ Cancioneiro que inclui composições da segunda metade do século XVIII. A sua cota é RBM/5/b.

19. Soneto *A Lira rouca, já destemperada*

Testemunhos manuscritos

– BADE, FM, Ms. 542⁹, p. 234

– BNL, Cod. 8603¹⁰, p. 607

– BNL, Cod. 8610, p. 271

20. Soneto *Uma única Ovelha era o meu gado*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 272

21. Soneto *Uma tarde, inda o tenbo no sentido*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 273

22. Soneto *Quanto custa, caríssimo Almenino*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 274

23. Soneto *Dum mau Legislador a lei mesquinha*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 275

24. Soneto *Visão triste ante os olbos s'ofrecia*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 276

25. Soneto *Maligna estrela o puro affecto nosso*

Testemunho manuscrito

⁹ Cancioneiro com matéria poética do final do século XVIII.

¹⁰ Miscelânea contendo composições da segunda metade do século XVIII.

– BNL, Cod. 8610, p. 277

26. Soneto *Esse laço que arrou o Deus vendado*

Testemunho manuscrito
– BNL, Cod. 8610, p. 301

27. Soneto *Por mais que o mar, ó Fábio, embravecido*

Testemunho manuscrito
– BNL, Cod. 8610, p. 302

28. Soneto *É sintoma beleza e formosura*

Testemunho manuscrito
– BNL, Cod. 8610, p. 303

29. Soneto *Cópia gentil que a mão do Omnipotente*

Testemunho manuscrito
– BNL, Cod. 8610, p. 304

30. Soneto *Não é, não, generosa simpatia*

Testemunho manuscrito
– BNL, Cod. 8610, p. 305

31. Soneto *Que acção misteriosa t'embaraça*

Testemunho manuscrito
– BNL, Cod. 8610, p. 306

32. Soneto *Passa o dia, a semana, o mês e o ano*

Testemunho manuscrito
– BNL, Cod. 8610, p. 307

33. Soneto *Não esquece o triunfo já passado*

Testemunho manuscrito

– BM, Ms. intitulado «Flores do Parnazo»¹¹, IV, [p. 141]

34. Soneto *Compôs um livro o Mestre Frei Luís*

Testemunhos manuscritos

– BM, Ms. intitulado «Flores do Parnazo», V, [p. 80]

– BNL, Cod. 8582¹², p. 81 (an.)

B. Poemas de autoria duvidosa

35. Soneto *O semblante risonho e engraçado*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas* (...), II, 1810, p. 12 (an.)

Testemunhos manuscritos

– BADE, FM, Ms. 424, f. 27v

– BNL, Cod. 8610, p. 17

– BNL, Cod. 8603, p. 602 (Manuel Inácio de Sousa)

– BPMP, Ms. 1129, p. 31 (Manuel Inácio de Sousa)

– BA, Ms. 50-III-48, f. 2r (an.)

Como se vê, dos 6 testemunhos arrolados, 2 atribuem o soneto a Francisco de Sales, 2 a Manuel Inácio de Sousa¹³, ao passo que em 2 outros ele vem anónimo. Nestas condições, não nos parece possível tomar uma posição definitiva quanto à autoria, embora pensemos que deva ser atribuído um crédito especial ao códice 8610 da BNL, na medida em que – tendo sido elaborado em 1786 – é o mais antigo dos testemunhos expressamente datados. Além disso, temos ainda a indicação de J.J.C. Pereira e Sousa referida por Inocêncio (1870: IX, 373), que vai no mesmo sentido.

¹¹ É o seguinte o título completo desta miscelânea: «Flores do/ Parnazo/ ou/ Collecção/ de/ Obras Poéticas/ de/ Differentes Auctores/ Junctas pelo cuidado/ de/ J... N... S... M...»; tomo IV. Cota: RBM / 5 / b.

¹² O códice apresenta como título «Poesias/ particulares/ de/ diversos authores./ Anno/ de/ MDCCCXIII».

¹³ Natural da Horta – ilha do Faial, Açores –, viveu entre 1739 e 1801. Ver o nosso trabalho *Edição Crítica da Obra do Poeta Setecentista Manuel Inácio de Sousa 'Faialense'*, Porto, Edição do Autor, 1998.

Concluído este inventário testemunhal dos poemas de Francisco José de Sales, resta fazer um balanço. Arrolámos um total de 35 poemas – 34 de autoria segura e 1 de autoria controversa –, 22 dos quais inéditos que nós descobrimos, distribuídos do seguinte modo:

- sonetos – 27 (18 inéditos);
- idílios – 2 (1 inédito);
- odes – 2 (1 inédita);
- canções – 1;
- églogas – 1 (inédita);
- epístolas – 1 (inédita);
- outros poemas – 1.

Para além de poesias, Francisco de Sales escreveu também textos em prosa. No artigo que lhe dedica, Inocêncio Francisco da Silva (1859: III, 56-57) refere seis cartas impressas:

- *Carta remetida ao reverendo P. Theodoro d'Almeida, Académico da nova Academia das Ciências de Lisboa e da de Biscaia, sobre o merecimento da Oração que recitou na abertura da Academia em 4 de Julho de 1780;*
- *Carta escripta a um amigo, sobre o merecimento da oração de abertura da Academia das Ciências, em a tarde de 4 de Julho de 1780;*
- *Carta escripta a um amigo, dando-lhe conta do que observou na Academia das Ciências, na tarde de 18 de Outubro de 1780;*
- *Carta critica, que escreveu F. ao Visconde de Barbacena, como Secretraio da Academia das Ciências de Lisboa;*
- *Carta em resposta á que escreveu um Official francez sobre as cousas de Portugal;*
- *Carta que um sujeito de Beja escreveu a um amigo de Lisboa, que lhe tinha mandado a Ethica de Heinecio traduzida em portuguez por Bento José de Sousa Farinha, na qual se faz uma anatomia critica á dedicatoria da dita obra, com uma carta em linguagem antiga.*

O bibliógrafo admite também que sejam de Sales as notas que acompanham as traduções de Longino e Luciano feitas pelo P.^e Custódio José de Oliveira: *Dionysio Longino, tractado do Sublime, traduzido da lingua grega na portugueza* e *Luciano, sobre o modo de escrever a Historia. Traduzido na lingua portugueza*, ambas publicadas em 1771 (Lisboa, Regia Officina Typografica). Outro texto que Inocêncio considera que poderá pertencer a Francisco de Sales é a *Carta Escripta ao Senhor Domingos dos Reys Guita, que serve de resposta a outra, que lhe escreveu hum seu amigo; e corre impressa com os seus versos* (s.l., s. impr., s.d.). Conforme já tivemos oportunidade de demonstrar¹⁴, esta última suposição está errada: o autor do texto é Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral.

Um último trabalho de Francisco José de Sales será o prefácio e as notas de *Elísio e Serrano. Dialogo em que se defende e illustra a Bibliotheca Lusitana contra a Prefação da Lusitania Transformada. Escrita por hum Socio da Academia Real das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1782. Inocêncio Francisco da Silva, no artigo que dedica ao P.^e Francisco José da Serra Xavier (1859: II, 413-414),

¹⁴ Em *Para uma Edição Crítica da Obra do Arcade Brasileiro Silva Alvarenga – Inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos*, Porto, Edição do Autor, 1998, p. 132.

considera contudo que *Francisco José de Sales* foi um pseudónimo usado por esse presbítero secular. Pelas razões que deixámos expostas no ponto 3. deste inventário, entendemos que a declaração do autor do *Diccionario Bibliographico* está equivocada.

**III. NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS
E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO**

1. Opções de base

Como se viu no capítulo anterior, a tradição dos poemas de Francisco José de Sales, não sendo grandemente complexa, também não é uniforme. Cada texto apresenta um leque testemunhal diferente, havendo variações significativas no número e no tipo de testemunhos. Embora a maioria das composições seja transmitida por um único testemunho (manuscrito), há outras que são veiculadas por vários (num máximo de sete, entre impressos e manuscritos).

Esta circunstância leva a que cada poema tenha de ser encarado como um caso individualizado. Relativamente àqueles que são transmitidos por vários testemunhos divergentes, resolvemos seguir a versão que, em confronto com as restantes, nos pareceu a melhor pelo facto de oferecer uma lição idónea e coerente para o texto em causa. Nesse processo, optámos por editar da forma mais próxima possível o testemunho escolhido como versão base, evitando a introdução de emendas, para que o produto final não fosse uma construção híbrida, resultante do contributo de testemunhos diversos. Apesar disso, não nos furtámos à responsabilidade de, em casos muito pontuais – todos devidamente assinalados e justificados – efectuar algumas correcções, quase sempre relacionadas com lapsos gramaticais ou com questões de pontuação.

O desejo de nos mantermos fiéis ao testemunho que em cada caso elegemos como versão base levou-nos também a evitar a normalização dos traços susceptíveis de terem repercussões fonéticas ou sobre outros aspectos da arte poética das composições.

2. Normas de transcrição dos poemas

Como é sabido, a ortografia desta época – sensivelmente o último quartel do século XVIII – ainda não é uniforme. As oscilações são numerosas, sobretudo ao nível do vocalismo, pelo que nem sempre é fácil perceber se se trata de meras variantes gráficas.

Assim, e de acordo com as opções de base expostas no ponto anterior, actualizámos apenas os traços gráficos que não colocam dúvidas, procurando oferecer um texto crítico uno e fidedigno também do ponto de vista linguístico.

Vejamos então as normas de transcrição que adoptámos:

I. Vogais

1. Normalizámos de acordo com o uso moderno a representação da vogal oral fechada posterior em posição átona, grafando *suspirar* em vez de *sospirar* e *cobiça* em lugar de *cubiça*;

2. Normalizámos as grafias alternantes das vogais nasais: seguidas de *m* ou *n* antes de consoante, de *m* em final de sílaba, com til antes de vogal *e*, em palavras como *lã* ou *irmã*, em final de palavra;
3. Relativamente às formas femininas do artigo e do pronome indefinido, os testemunhos manuscritos oscilam entre a sua representação em hiato – (*h*)*ũa*, *algũa* – e a grafia com a consoante nasal bilabial. É sabido contudo que o desenvolvimento da consoante em causa terá ocorrido nos finais do século XVI, ainda que a grafia moderna tenha tardado a generalizar-se. Optámos assim pela grafia actual dessas formas;
4. Substituímos o *y* por *i*, em palavras como *lyra* e *nynfa*;
5. Normalizámos a representação dos ditongos nasais, de acordo com a norma actual: vogal seguida de *e* (*e*, mais raramente, de *ê*) ou de *o*, com til sobre a primeira, ou vogal seguida de *m* ou *n*. Assim, *fundaçam*, *choravão*, *tãobem* ou *naçoens* passaram a *fundação*, *choravam*, *também* e *nações*;
6. Modernizámos a grafia dos ditongos orais, representando com *i* e *u* as semivogais. São frequentes nos testemunhos as grafias que acusam vestígios do hiato, mas, de acordo com os dados da história da língua, ele já estaria resolvido desde, pelo menos, o início do século XVI. Assim: *anaes* > *anais*; as formas de 2.^a pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos da 1.^a conjugação (como *amaes*) > *amais*; *pao* > *pau*; *vea* > *veia*; as formas rizotónicas do presente do indicativo de verbos em –*ear* (como *rodeã*) > *rodeia*; *feo* > *feio*; *véo* > *vêu*; as formas de 3.^a pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 2.^a conjugação (como *enterneceu*) > *enterneceu*; as formas de 2.^a e 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo de verbos da 2.^a conjugação do tipo de *roer* (como *róe*) > *rói*; *heróe* > *herói*; as formas de 3.^a pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 3.^a conjugação (como *sentio*) > *sentiu*;
7. Relativamente aos ditongos orais crescentes, em regra pouco estáveis, optámos também por representar a semivogal através de *u* (*goarnecer* > *guarnecer*), à excepção dos casos em que a grafia actual conservou o *o*, como acontece em *mágoa*;
8. Na medida em que correspondem a realizações alternantes, conservámos certas formas arcaicas ou populares de grafia dupla, designadamente as oscilações entre *a* e *e*, como em *melancólico* / *melencólico*; entre *e* e *i*, como em *desgraça* / *disgraça*; entre *i* e *e*, como em *distrito* / *destrito*; entre *o* e *e*, como em *formoso* / *fermoso*; entre *ou* e *oi*, como em *outeiro* / *oiteiro*;

II. Consoantes

9. Dado tratar-se de um mero diacrítico sem valor fonético, regularizámos o emprego do *h* de acordo com a norma actual. Eliminámo-lo, designadamente em posição inicial (como nas formas do verso *ser*), em posição intervocálica (como em *cabir*), nos casos em que apresenta valor etimológico (como *inhóspito*) e nos chamados dígrafos helenizantes, como *th* (*theatro*); introduzimo-lo em casos como *orroroso*;
10. Por não serem reflexo da pronúncia, simplificámos formas ortográficas latinizantes, como as consoantes dobradas, exceptuando *r* e *s* em posição intervocálica e com valor, respectivamente, de vibrante múltipla e sibilante surda.

Assim, por exemplo, *abbreviar* > *abreviar*; *accender* > *acender*; *soffrer* > *sofrer*; *donzella* > *donzela*; *inflammare* > *inflamar*; *tiranno* > *tirano*; *súpplica* > *súplica*; *setta* > *seta*;

11. Por se tratar também de um mero latinismo gráfico que nunca chegou a reflectir-se na pronúncia do português, eliminámos o *s* do grupo inicial *sc-*, passando *scena* a *cena*;

12. Pelos mesmos motivos, simplificámos de acordo com a norma moderna grupos em posição medial como *-ct-* (*aflicto* > *afrito*); *-gm-* (*augmentar* > *aumentar*); *-mn-* (*solemne* > *solene*); *-ps-* (*isempção* > *isenção*); *-pt-* (*prompto* > *pronto*). Mantivemo-los em todos os casos previstos no uso actual, respeitando contudo, em grupos como *-bt-*, *-gn-*, *-pt-* e *-sc-*, oscilações do tipo *sutil* / *subtil*, *malino* / *maligno*, *corruto* / *corrupto* e *decer* / *descer*;

13. Representámos as oclusivas velares segundo o uso moderno, passando assim *Acheronte* a *Aqueronte*;

14. Regularizámos também a representação das fricativas. Assim:

– a fricativa labiodental sonora virá transcrita como *f*, o que implica a substituição do dígrafo helenizante *ph* em palavras como *Orpheu*;

– as fricativas alveolares virão grafadas segundo as normas actuais, pelo que *assor* ou *prezo* passarão a *açor* e *preso*;

– a fricativa palatal surda será representada como *ch*, *s*, *x* ou *ç*, segundo o uso moderno, pelo que *deixar*, *fexar* ou *atraz* passarão a *deixar*, *fechar* e *atrás*;

– a fricativa palatal sonora virá transcrita como *g* ou *j*, de acordo com as regras de hoje, pelo que *geito* passará a *jeito*;

15. Conservámos certas formas arcaicas ou populares de grafia dupla, na medida em que parecem corresponder a realizações alternantes. É o caso das ocorrências metatáticas do grupo consoante + *r*, como em *pertender*;

III. Aspectos morfológicos

16. Separámos e unimos as palavras de acordo com o uso moderno, escrevendo, por exemplo, *jamaís* em lugar de *já mais* (adv.);

17. Desenvolvemos as abreviaturas, aliás pouco frequentes e de fácil resolução;

18. Distinguimos, de acordo com a grafia actual, as interjeições *ó* e *oh*, reservando a primeira para uma função de invocação e a segunda para enunciados que traduzem espanto, alegria ou desejo;

19. Conservámos arcaísmos morfológicos do tipo de *aceito* (particípio passado de *aceitar*);

20. Respeitámos todas as formas que evidenciam processos de redução silábica, como *surprender* e a forma de 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ver* (*vêm*);

IV. Diacríticos

21. Regularizámos o uso dos acentos;

22. Eliminámos o apóstrofo em contracções do tipo de *n'um*, mas usámo-lo para indicar certos casos de elisão vocálica;

23. Introduzimos o hífen para separar os pronomes enclíticos e mesoclíticos e ainda em palavras compostas do tipo de *bem-aventurado*;

V. Maiúsculas e pontuação

24. Evitámos introduzir modificações no que respeita ao uso da maiúscula, pelo que – atendendo também ao seu provável valor expressivo – preferimos mantê-la mesmo nos casos que se afastam do uso actual. Apesar disso, tentámos contrariar a diversidade de práticas nos testemunhos, generalizando o uso da maiúscula no início de cada verso;

25. Cientes de que a pontuação intervém na configuração rítmica e entonacional do verso e tem reflexos sobre a sintaxe e a semântica, procurámos intervir o mínimo possível neste aspecto. Apesar disso, não renunciámos à tentativa de estabelecer algum compromisso entre aquilo que os testemunhos revelam ser os hábitos da época e as normas actualmente em vigor. Assim, nos frequentes casos em que os dois pontos desempenham uma função hoje atribuída ao ponto e vírgula, substituímos aquele sinal por este. Por outro lado, suprimimos a vírgula antes das conjunções *e*, *ou*, *nem* e *que*, à excepção dos casos previstos na norma actual e ainda nos momentos em que um critério melódico parece impor esse sinal de pontuação. As outras poucas modificações que nos sentimos obrigados a fazer – tanto de supressão quanto de adição – virão devidamente anotadas nos casos em que têm reflexo sobre o sentido do texto.

3. Apresentação do texto crítico e do aparato

As composições de Francisco José de Sales surgirão agrupadas em várias divisões. Na primeira grande secção, virão os poemas de autoria segura, repartidos por três conjuntos menores: 1. Poemas publicados em vida do autor; 2. Poemas publicados postumamente; 3. Poemas inéditos. Nos dois primeiros agrupamentos, a ordenação dos textos será feita de acordo com a data de publicação e a sequência em que se apresentam nos respectivos testemunhos impressos. Os poemas inéditos serão ordenados em conformidade com a sua disposição nos testemunhos manuscritos. Tivemos contudo o cuidado de separar as composições mais longas dos sonetos. Encerrando a edição, virá o único poema de autoria duvidosa.

A edição de cada composição terá quatro partes:

1. Um número de ordem – contínuo –, que servirá para a identificação do texto nas notas complementares.
2. A relação dos testemunhos que transmitem o poema, apresentada em corpo menor e dividida de acordo com os dois tipos que considerámos: impressos e manuscritos. A sua citação é feita de acordo com o sistema de siglas e de abreviaturas já apresentado. Dado que há quase sempre divergências significativas entre os testemunhos, estes receberão como siglas identificativas letras maiúsculas impressas em itálico. Esta tarefa de atribuição de siglas será feita poema a poema. As versões muito próximas receberão como sigla a mesma letra, que será seguida contudo de um número individualizador, colocado abaixo da linha. Reservaremos sempre o *A* para designar o testemunho que escolhermos como base. A atribuição das restantes letras do alfabeto será feita em função do grau de proximidade dos outros testemunhos perante *A*.

3. Seguir-se-á, em corpo maior, o texto crítico, com os seus três momentos: a epígrafe e a legenda, caso existam, e o poema propriamente dito, com os versos numerados à esquerda de 5 em 5. As emendas que tivermos efectuado virão, sempre que possível, assinaladas já no próprio corpo do poema: para as supressões usaremos as chavetas e para as adições os colchetes. As leituras dubitadas surgirão entre barras oblíquas, precedidas de asterisco.

4. Virá depois, ao fundo da página, separado por uma linha e em corpo menor, o aparato crítico. Tivemos duas preocupações centrais na sua organização: por um lado, fornecer ao leitor todos os elementos em que nos apoiámos, de forma a que ele pudesse julgar o nosso trabalho e, eventualmente, fazer opções diferentes das nossas; por outro, evitar possíveis dificuldades de leitura e assegurar uma percepção literal do texto tão boa quanto possível. O nosso modelo de aparato comporta quatro partes, vindo cada uma delas separada da seguinte por uma linha de intervalo:

a) O aparato das variantes, que será do tipo negativo, isto é, só anotaremos as lições divergentes. Apresentaremos as variantes de acordo com as mesmas regras utilizadas para a transcrição do texto crítico e só daremos conta das que forem significativas. Este aparato das variantes tem, por assim dizer, dois momentos, correspondentes ao paratexto e ao texto propriamente dito. A chamada do primeiro desses elementos será feita por intermédio das palavras *Epígrafe* e *Legenda*, impressas em itálico e seguidas de um ponto final. A chamada do texto propriamente dito será feita pelo número do verso, também seguido de um ponto final. A identificação do lema far-se-á de forma a não suscitar nenhuma dúvida. O lema será seguido de um meio colchete, vindo imediatamente depois a variante e a sigla que a identifica. Se um lema tiver duas ou mais variantes, estas serão consecutivamente apresentadas, sem que entre elas exista qualquer sinal de pontuação. Entre o lema, a(s) variante(s) e a(s) sigla(s) também não haverá nenhum sinal de pontuação, a menos que a(s) variante(s) em causa diga(m) respeito a um sinal desse tipo. O lema e a(s) variante(s) serão impressos em redondo, ao passo que as siglas identificativas das variantes virão em itálico. Havendo necessidade de anotar variantes para mais do que um lema do mesmo verso, a passagem de um ao outro será assinalada por intermédio de uma vírgula, colocada depois da última sigla da variante do lema anterior. Nos casos em que um testemunho tenha uma versão de um verso ou da legenda muito diferente da apurada, dispensaremos o recurso ao lema e apresentaremos, na linha inferior àquela em que vierem outras versões confrontadas com lemas, todo o verso ou toda a legenda da versão divergente. Eventuais observações da nossa responsabilidade virão em itálico.

b) A justificação das emendas que tivermos efectuado.

c) O glossário e as notas que entendemos necessárias para o esclarecimento de qualquer aspecto do texto. Poderemos também incluir neste espaço alguma observação sobre irregularidades – gramaticais, métricas, acentuais – dos versos.

d) Um breve apontamento sobre a poética do texto.

Concluída a edição dos poemas, haverá um capítulo reservado à anotação complementar de alguns deles.

IV. EDIÇÃO CRÍTICA

A. POEMAS DE AUTORIA SEGURA

1. POEMAS PUBLICADOS EM VIDA DO AUTOR

1. Idílio *Pela amena campina*

Testemunho impresso: *Miscellanea Curiosa*, VI, 1784, p. 337-349 (an.) = \mathcal{A}_1 / *Jornal Encyclopedico*, Abril de 1789, p. 106-122 (an.) = \mathcal{A}_3 / *Januário, Parnazo Brasileiro*, I, 2.º, 1830, p. 17-29 = \mathcal{A}_4
Testemunhos manuscritos: BADE, FM, 424, f. 65r-72v = \mathcal{A} / BGUC, 2555, f. 10v-19v = \mathcal{A}_2 / BPMP, 1129, p. 108-121 = \mathcal{A}_5 / BNL, 11491, p. 1-31 = \mathcal{B}

Versão de \mathcal{A}

Idílio

Te veniente die, te, decidente, canebat.
Virg., *Georg.*, 4

Pela amena campina
Que banha o fatal Hebro,
Do Trace Orfeu a Esposa peregrina,
Que em canto rouco, em triste voz celebro,
5 Ao tempo que trazia
O brilhante farol o claro dia;
A Esposa de Orfeu, digo, e as mais Donzelas
Tecendo vão Grinaldas e Capelas.

Alegre e descuidada
10 Eurídice colhia
As flores, de que tinha a frente ornada,
De que os loiros cabelos guarnecia;
Cantava suavemente,
Em doces coros alternadamente,
15 Com as lindas Irmãs a solfa rara
Que o canoro marido lhe ensinara.

Título. Fábula de Orfeu e Eurídice $\mathcal{A}_1 \mathcal{A}_4$ Fábula de Orfeu e de Eurídice \mathcal{A}_2 Morte de Eurídice e Desgraça de Orfeu \mathcal{A}_3 A fábula de Orfeu e Eurídice \mathcal{A}_5 Orfeu e Eurídice \mathcal{B}

Epígrafe. te, decidente] te decidente $\mathcal{A}_1 \mathcal{A}_4 \mathcal{A}_5$ te decente \mathcal{A}_2 decidente \mathcal{A}_3

3. Trace] Trácio $\mathcal{A}_1 \mathcal{A}_2 \mathcal{A}_4$

4. Que em canto rouco] Em rouco canto \mathcal{A}_2 , em triste] e triste \mathcal{A}_5

9. Em \mathcal{A}_1 não há nunca separação estrófica; em \mathcal{A}_3 o espaço interestrofico também nem sempre existe

11. frente] fronte \mathcal{A}_5 \mathcal{B}

Epígrafe. Trata-se do v. 466 do livro IV das *Geórgicas*. Tradução: «Quando o dia nascia e quando morria, ele cantava-te».

2. Hebro – Rio da Trácia.

3. Trace – (adj.) Variante de *trácio*.

Por acaso a descobre
 De um monte levantado
 O Pastor Eristeu, famoso e nobre,
 20 Mas de Eurídice há muito desprezado;
 E logo mal sofrido
 Deixa o Gado, os Cortiços, e atrevido
 Por entre as verdes ramas se acautela,
 Buscando surprender a Ninfa bela.

 25 Mas ela, que aos clamores
 Das Driades o via,
 Largando pronta as já colhidas flores
 Pela terra espalhadas, lhe fugia;
 Qual a tímida cervo
 30 Que o Massílio Leão vizinho observa,
 Ou qual do Açor ligeiro a Pomba esquiva
 Assustada, medrosa e fugitiva;

 Interrompidas vozes
 Ao vento despedia;
 35 E cada vez com passos mais velozes,
 Olhando para trás, os pés movia.
 Não era, não, bastante
 Sequer a demorá-la um breve instante
 A fala de Eristeu, que na carreira
 40 Sem dúvida lhe diz desta maneira:

 «Eurídice, não tanto,
 Por ver-me de Amor preso,

17. Por acaso] Eis que acaso *B*, a descobre] descobre *A*₅
 20. há muito] muito *A*₃ sempre *B*
 23. as verdes ramas] os verdes ramos *A*₅ as ramas verdes *B*
 25. aos clamores] os clamores *A*₂ *A*₃ *A*₅ *B*
 26. o via] ouvia *A*₂ *A*₃ *A*₅ *B*
 30. o Massílio] o bravo *A*₅
 31. do Açor] de Açor *A*₁ *A*₂ *A*₄
 34. despedia] despedia *A*₃
 37. Não era, não,] Nem pôde ser *B*
 38. um breve] um só *A*₂ *A*₃

19. Eristeu – Variante de *Aristeu*. Filho de Apolo e da ninfa Cirene, foi educado pelas Musas e pelas Ninfas, adquirindo assim uma série de conhecimentos que depois transmitiria aos homens. Perseguindo Eurídice, seria o causador involuntário da sua morte. Veio a ser punido pelos deuses, que causaram a destruição de todas as suas abelhas.

30. Massílio – (Adj.) De Massília, localidade da Mauritânia.

Intentes aumentar o meu quebranto;
 Não te mereço, não, tanto desprezo.
 45 Desejas que assim pene
 O filho da belíssima Cirene?
 Que sofra, que padeça, os teus rigores
 O útil Mestre dos rústicos Pastores?

«O domador não zelas
 50 Desse Proteu famoso?
 O observador primeiro das Estrelas?
 O artífice do favo saboroso?
 Atormentar procuras
 A quem foi o primeiro que as maduras
 55 Azeitonas pisando, o caro azeite
 Para os homens descobre e inventa o leite?»

 A Nífa, que não cura
 De ouvir o rogo brando,
 C'os delicados pés a terra dura,
 60 Fugindo cuidadosa, vai pisando;
 Solto o cabelo ao vento,
 À força do apressado movimento,
 Flutantes os finíssimos vestidos
 Deixava pelos troncos suspendidos.

65 A sítio enfim chegava
 Onde já não temia
 Do atrevido Pastor que a procurava
 O indigno intento, a bárbara ousadia;
 Quando... oh, triste e horrorosa
 70 Tragédia! Contra Eurídice formosa,

43. Intentes] Intentas *A*₄

44. mereço] merece *A*₅

47. Que sofra tais rigores *B*

51. O observador] Observador *B*

56. e inventa] inventa *A*₅, o leite?] o leite. *A*₃

58. De ouvir] Ouvir *A*₅ Do outro *B*

59. C'os] Com os *A*₂

60. Fugindo cuidadosa,] Fugindo cuidadosa *A*₁ *A*₄ *A*₅ Fugindo, cuidadosa *A*₂ Apressada fugindo, *B*

62. do apressado] de apressado *A*₅

63. Flutantes] Flutuando *A*₁ *A*₄ Flutuantes *A*₂ *A*₅ *B*

64. Deixava] Ficavam *B*

65. A sítio] A um sítio *B*

68. O intento temerário, a vã porfia; *B*

70. formosa,] formosa *A*₂ *A*₃ *A*₅ formosa! *A*₄

Ofendido talvez da terra planta,
Um áspid venenoso se levanta.

E qual seta ligeira
Com força despedida,
75 Ou raio que da nuvem derradeira
Fere a terra ao relâmpago acendida,
A serpe o colo erguendo
E o corpo em muitos orbes revolvendo,
No pé mimoso e branco sutilmente,
80 Derramando o veneno, imprime o dente.

Sentiu a desditosa
Da pisada serpente
A raivosa ferida, a dor furiosa,
O veneno mortal, que prontamente
85 As linfas adelgaça
Da já corruta, sanguinosa massa;
E o purpúreo licor, que o peito inflama,
Já negro por cem bocas se derrama.

Já cobre um suor frio
90 A mal animada frente
Da convulsiva Ninfa; um véu sombrio
Esconde a vista vária e intercadente.
Qual pálida bonina,
A desmaiada Eurídice divina,
95 Proferindo do Esposo o nome terno,
Passou da curta vida a um sono eterno.

Tanto esta desventura
As Dríades choraram

77. o colo] a cola $A_1 A_4$

79. e branco] errando A_5

80. o veneno] veneno A_5

83. a dor] e dor A_5

85. As linfas] As fibras B , adelgaça] adegança A_5

86. corruta, sanguinosa] corrupta e sanguinosa $A_2 A_3$

87. E o purpúreo] O purpúreo A_5

89. um suor] suor A_4

90. A mal animada] A desmaiada A_4 Mal animada a B

92. vária e intercadente] vária, intercadente $A_1 A_4 A_5$ turva e intercadente A_3 errante e intercadente B
Em A_2 , acima de vária, está turba, sem que nenhum dos termos esteja riscado

94. A desmaiada] A sempre bela B

90. Este verso tem 7 sílabas.

100 Que da Trácia e da Gética Espessura
 O fúnebre silêncio perturbaram;
 Quantas vezes em vão
 Chamaram pela Irmã? Qual fosse então
 A dor que teve Orfeu mísero e triste
 Dize-a tu, fatal Hebro, tu que a viste.

105 Aflito e descontente,
 De noite e mais de dia
 O solitário Orfeu sempre da gente
 Se apartava e sozinho aos ermos ia;
 Buscava os arvoredos,

110 Os mais duros, inóspitos rochedos,
 Querendo nos desertos escondida
 Para sempre deixar a infeliz vida.

 Qual Roixinol que a prole
 Do ninho vê roubada,

115 Como que dele espera que o console,
 Ao Céu invia a queixa magoada;
 Ou qual fiel pombinho
 Que não bebe água pura se mesquinho
 A doce companhia infeliz perde

120 Nem como dantes pousa em tronco verde.

 Tal o mísero Trace
 Anda de monte em monte
 Sem ver a Esposa, bem que perguntasse
 Por Eurídice ao monte, ao vale, à fonte;

125 E já desesperado
 De achar no mundo alívio em seu cuidado,
 Amante não duvida ousadamente
 Dentre as sombras errar sombra vivente.

99. e da Gética] a eregética A_5 e da Gótica B

104. Dize-a] Dize-o $A_2 A_4 B$, a viste] o viste $A_2 A_4 B$

108. Se apartava e sozinho] Se apartava; sozinho A_5

110. duros, inóspitos] duros e inóspitos $A_3 B$

112. a infeliz] a feliz A_5

115. Como que] Como quem A_5

120. pousa em] pisa o B

121. o mísero] o Músico B

126. em seu] ao seu $A_2 A_4$ a seu $A_3 B$

128. as sombras] sombras A_2 , errar] vagar A_5

99. Gética – (Adj.) De Geta, terra dos Getas, povo trácio que habitava entre os Balcãs e o Danúbio inferior.

130 A Cítara sonora
 Que a Apolo pertencera
 Tomava o triste filho, e a voz canora
 Que sua Mãe Calíope lhe dera
 Destramente afinava;
 E atrevido depois se encaminhava
 135 Por cavernosa gruta ao fim do mundo,
 Raia agreste, infernal, do Caos profundo.

 Chega à escura Lagoa
 Onde o Velho Caronte
 Passa os mortos, e ousado à dura Proa
 140 Do Escafídio se lança; leda a frente,
 Da horrenda Estige passa
 As encharcadas águas e devassa
 Das Terras em que a sombra opaca existe
 A torpe habitação, a estância triste.

145 Do rouco Flegetonte
 A margem paludosa
 Atravessa e do fétido Aqueronte
 A salobre corrente vagarosa;
 Intrépido se mete
 150 No adormecido e sonolento Lete;
 Do medonho e pestífero Cocito
 Pisando vai o aspérrimo distrito.

 Tem depois a ousadia
 De referir cantando

-
130. Que Apolo pertencera A_5
 133. afinava] a afinava $A_1 A_2 A_3 A_4$
 136. agreste, infernal] agreste e infernal B
 138. Caronte] Aqueronte $A_2 A_3$
 139. à dura Proa] à dura barca A_5 à rude proa B
 140. se lança; leda a frente,] se lança; leda a frente $A A_4 A_5$ se lança, leda a frente $A_1 B$ se lança leda a frente. A_2 se lança, leda a frente. A_3
 142. encharcadas] carrancudas A_5
 143. Terras] tiras A_5
 147. e do fétido] do fétido A_5
 148. A salobre] Na salobre A_5
 151. Do] E do $A_2 A_3$
 152. Pisando] Buscando A_5

 137. O Aqueronte, rio dos Infernos.
 140. Escafídio – Pequeno barco.
 141. Flegetonte – Um dos rios dos Infernos, que se une ao Cocito para formar o Aqueronte.

155 À sempre inexorável companhia
 O seu duro pesar em verso brando;
 O esquálido Barqueiro,
 Já menos carrancudo e sobranceiro,
 Tomando o grosso remo avante o passa,
 160 Nem o Cão de três bocas o embarça.

 Entrou as Torres fortes
 Do pórtico Tenáreo,
 Em meio das estúpidas coortes,
 Que o foram conduzindo ao Rei Tartáreo;
 165 Caliginoso e escuro
 Era o caminho que do férreo muro
 Aos Palácios cruéis que Dite havia
 As misérrimas almas conduzia.

 No gesto pensativo
 170 Orfeu com passos graves
 Chegou-se ao fero Rei que ocupa altivo
 Sulfúreo Trono e as ferrugentas chaves
 Nas duras mãos sustenta;
 A seu lado a triforme Hécate assenta
 175 O implacável tirano; e de vapores
 Negra nuvem lhe forma os resplendores.

 Do Báratro malino
 As almas dolorosas
 À roda estão do vivo peregrino

156. pesar] passar *A*₅

158. carrancudo e sobranceiro] carrancudo, sobranceiro *B*

159. grosso] duro *B*, o passa] passa *A*₂ *B*

160. de três] das três *A*₂ *A*₃

162. Tenáreo] Tartáreo *A*₂

163. Em meio] Em mão *A*₂ No meio *A*₃ E em meio *A*₅ E no meio *B*

164. Que o foram] Que foram *A*₅

168. misérrimas] miseráveis *A*₁ *A*₂ *A*₄

171. Chegou-se] Chegou *A*₅

174. A seu] Ao seu *A*₁ *A*₄, a triforme] triforme *A*₁ *A*₂ *A*₃ *A*₄

178. dolorosas] decorosas *A*₁ *A*₂ *A*₄ *A*₅

160. Cérbero, um dos monstros que guardam o reino dos Mortos.

162. Tenáreo – (Adj.) Relativo ao Ténaro, promontório e cidade da Lacónia, tido como uma das entradas dos Infernos.

167. Dite – Plutão.

174. Hécate – Deusa ligada ao mundo das sombras, por vezes confundida com Prosérpina. Era geralmente representada com três corpos ou com três cabeças.

180 Que vem do mundo; e todas cobiçosas
 De saber o que busca
 Naquela atroz Região nublada e fusca
 Este Músico estranho, que se assenta
 Como à soberba Corte se apresenta.

185 As cordas temperando
 Da Lira sonora,
 Foi logo num tom baixo começando
 A História miserável e piedosa;
 E pouco e pouco erguendo

190 A voz, que mais se aclara, ao Rei tremendo,
 Que o Ceptro tem na mão pisado e forte,
 Cantando Orfeu lhe fala desta sorte:

«Monarca formidável,
 Jove, e Senhor eterno

195 Do Abismo tenebroso e impenetrável,
 Do pálido Orco e do profundo Averno;
 A cujo império enorme
 Obedece a caterva mais disforme
 De monstros e Serpentes estupendas,

200 Que sujeitas possante às Leis horrendas;

«Neste cárcere escuro,
 Habitação do espanto,
 Não me conduz desejo humano impuro,
 Mas sim razão de amor honesto e santo;

205 Não trago o pensamento
 De tanger este harmónico instrumento
 De sorte que após vão da suavidade
 Desertando o País da Escuridade.

183. assenta] assenta; A_2 assente A_3

184. Como à] Com a A_1 A_2 A_3 A_4 Como a A_5 , Corte] coorte A_1 A_2 A_4 coorte; A_3 , se apresenta] se apresenta A_5

186. Da Lira] Na Lira A_5

189. pouco e pouco] pouco a pouco A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 B

190. aclara] aclama A_2

191. tem na mão] na mão tem, B , pisado] pesado A_1 A_3 A_4 A_5 B piedoso A_2

195. tenebroso e impenetrável,] tenebroso, A_2 tenebroso e implacável A_3

200. possante] /*porém/ A_5 , horrendas] tremendas B

201. Neste] A este A_2 A_3

203. humano impuro] humano e impuro B

207. após vão] atrás vão A_5 após vá B

208. o País] os pais A_5

210 «Da minha suspirada
 Belíssima Consorte
 A vida mais que a minha desejada
 Roubou tirana intempestiva morte;
 De férvida Serpente
 A presa aguda, o venenoso Dente,
 215 Seus dias encurtou; e é bem constante
 Que a teu Reino deceu a Sombra errante.

«Da temida Cidade,
 Vós, ó gente perdida,
 Ao vosso Rei pedi que por Piedade
 220 Me seja a cara Esposa concedida;
 Não quero que ela exceda
 A antiga humana Lei; que lhe conceda
 Algum tempo de vida a Plutão rogo,
 Em que andemos no mundo e torne logo.

225 «E tu, Senhor, que um dia
 Também de amor ardeste,
 Lastima-te da mísera agonia
 De que meu triste Peito se reveste;
 Porém, se como digo
 230 Não deixas ir Eurídice comigo,
 Já peço pouco: ao menos me consente
 Que eu viva aqui com ela eternamente».

Enquanto assim cantava
 O doce Orfeu, mais brando
 235 O terno das Euménides estava
 As enroscadas Serpes aquietando;
 Das Hidras e Quimeras,

211. A vida] Ainda A_5 , que a minha] que minha A_5

212. tirana intempestiva] tirana, intempestiva A_1 A_2 tirana e intempestiva A_3

213. De férvida] Da férvida A_2 A_3

214. A presa aguda] A aguda presa B , o venenoso] e venenoso A_1 A_4

215. encurtou; e é] encurtou, que é A_1 encurtou; é A_2 encurtou; que é A_4 esgotou, e é A_5

216. Que a teu] Que ao teu B

219. Ao vosso] A vosso A_5

223. Plutão] Platão A_1

227. Lastima-te] Lastimas-te A_5

231. Já peço pouco:] (Já pouco peço) B

232. Que eu viva] Que viva B

237. Hidras e] Hidras, a A_3 As Hidras e A_4

235. Euménides – Divindades infernais responsáveis pela punição dos crimes.

240 Esfinges e Gorgões as vozes feras
 Calaram por um pouco e o Cão triforme,
 Fechando as três gargantas, ouve e dorme.

 Livres alguns momentos
 As almas condenadas
 Estão dos crudelíssimos tormentos
 Com que são de ordinário atormentadas;
245 Um pouco se não move
 Das Bélides Irmãs quarenta e nove
 A desgraçada Tropa à vã Fadiga
 Que dos mortos maridos as castiga.

 De Íxion fementido
250 A nunca estável roda,
 Que anda sempre num giro interrompido,
 Então por breve espaço se acomoda;
 Sísifo está sentado
 No Penedo que às costas tem pesado;
255 E em virtude do Canto numeroso
 Logra, se nunca o teve, algum repouso.

238. Esfinges] Das Esfinges A_4 , e Gorgões as vozes] e Gorgones as vozes A_1 Gorgonesas vozes A_2 e Gorgones as A_4 e Gorgóris as vozes A_5

239. Calaram por um pouco] Vozes fizeram pausa A_4

243. crudelíssimos] cruelíssimos $A_1 A_3 A_4 B$

247. Tropa à vã] tropa, que a vã A_3 tropa, e a vã A_4 tropa, e vã A_5

248. as castiga] a castiga $A_1 A_2 A_4$

250. estável] instável A_4

253. sentado] assentado B

255. numeroso] sonoro $A_2 A_3$

256. nunca] não B

238. Gorgões – As três Górgonas (Esteno, Euriale e Medusa), monstros que habitavam perto do reino dos mortos.

246. Bélides Irmãs – As Danaides, as cinquenta filhas do rei Dánao. Apesar da desavença entre Dánao e o seu irmão Egípto, as suas filhas casaram com os cinquenta filhos do segundo. No entanto, por recomendação do pai, quarenta e nove das Danaides mataram os respectivos maridos durante a noite de núpcias. A exceção foi Hipermnestra, que poupou Linceu. Uma vez nos Infernos, as homicidas receberam como castigo tentar encher eternamente com água um tonel furado.

249. Íxion – Rei dos Lápitais, casou com Dia, filha do rei Dioneu. Depois do casamento, não cumpriu as promessas que fizera ao sogro, acabando por matá-lo. Zeus compadeceu-se dele, purificando-o. Mas o tessálio atraçou-o, enamorando-se de Hera e tentando violentá-la. Zeus amarrou-o então para sempre a uma roda em chamas que girava sem cessar.

253. Sísifo – Trata-se de um mortal que se destacou pela sua astúcia. Quando Zeus raptou Egina, filha de Asopo, Sísifo viu-o, denunciando-o ao pai em troca de um favor. Furioso, Zeus fulminou-o de imediato, precipitando-o nos Infernos, onde lhe impôs como castigo que fizesse rolar eternamente um enorme rochedo por uma vertente. Logo que a pedra atingia o cimo, voltava a cair e o trabalho tinha de recommençar.

O Pássaro faminto
 Que a Tício o ventre rói
 O bico levantou de sangue tinto
 260 E à doce voz se abranda e se condói;
 Já Tântalo sedento
 Não põe n'água vedada o pensamento;
 Já por um pouco lhe não lembra a fome
 Os fugitivos Pomos que não come.

265 Radamanto severo
 E os outros dois Juízes
 Que têm na prisão triste o cargo fero
 De prescrever a Pena aos Infelizes,
 Esquecidos do antigo
 270 Rigor que os obstinava no castigo,
 Suspendem a contínua deligência
 De dar aos condenados Audiência.

A quebrantar a dura
 Sentença e Lei do Fado,
 275 Que foi sempre imutável, se aventura

264. Os fugitivos] Dos fugitivos *A*₄

266. E os outros] E outros *A*₅

268. a Pena] as penas *A*₅, Infelizes] Infelices *A* *A*₂ *A*₃

269. Esquecidos] Esquecido *B*

270. que os obstinava] com que se obstina *B*

271. a contínua deligência] a continuar a deligência *A*₅ a pesada deligência *B*

273. A quebrantar] De quebrantar-se *B*

274. Sentença] Senta *B*

275. imutável] inalterável *A*₂ *A*₃ inevitável *A*₅, se aventura] se murmura *B*

268. Embora seja aceitável uma rima *Juízes / Infelices*, a verdade é que não há outros casos semelhantes ao longo do poema, pelo que decidimos acolher a lição de *A*₁ *A*₄ *A*₅ *B*.

258. Tício – Gigante filho de Zeus e de Elara. Instigado por Hera, tentou violar Leto, sendo fulminado por um raio de Zeus ou atingido pelas flechas de Apolo e Ártemis, filhos de Leto. O seu corpo ocupava uma grande extensão dos Infernos, estando sujeito a um castigo semelhante ao de Prometeu: duas águias (ou serpentes) devoravam-lhe o fígado, que voltava a nascer de acordo com as fases da Lua.

261. Tântalo – Filho de Zeus e de Pluto, reinava na Frígia ou na Lídia. Convidado pelos deuses para a sua mesa, teria revelado aos homens os segredos divinos. Outra tradição refere que Tântalo roubou néctar e ambrósia e que os deu aos mortais. Veio a ser castigado a uma sede e fome eternas: apesar de mergulhado em água até ao pescoço, não podia beber, porque o líquido fugia sempre que aproximava a boca; embora um ramo carregado de frutos pendesse sobre ele, qualquer tentativa de o alcançar era em vão.

265. Radamanto (ou Radamante) – Herói Cretense, filho de Zeus e de Europa. Apreciado pela sua prudência e sabedoria, foi, após a morte, chamado aos Infernos para julgar os mortos, ao lado do irmão Minos e de um outro filho de Zeus, Éaco.

Qualquer das Parcas cruas; já mudado
Da mesma Proserpina
O duro Peito, a modo que se enclina
A despir o seu Génio rigoroso
280 E à súplica atender do amante Esposo.

Plutão desapiedado,
A quem humana queixa
Jamais interneceu, desacordado
Em terra as duras chaves cair deixa;
285 As lágrimas forçadas
Sem exemplo esta vez como arrancadas
Se lhe viram correr; e diz que passe
Ao mundo a Esposa do canoro Trace;

Contanto que lhe seja
290 O vê-la defendido
Enquanto inteiramente não esteja
De fora do seu Reino; e que perdido
Seria ao mesmo instante
295 O prémio concedido, se o semblante
De Eurídice formosa incauto visse
Primeiro que do mundo ao ar saísse.

Accita Orfeu contente
A Esposa desejada,
300 Que pela mão guiava diligente
Além da melencólica morada;
Passa as terras desertas,
De Loto e de Ciprestes só cobertas;
Os campos deixa bem-aventurados,
De Espíritos ditosos habitados.

276. Qualquer das Parcas cruas] Qualquer das cruas Parcas A_4 Entre as Parcas iníquas B

278. O duro Peito, a modo que] O duro peito amado, que A_1 O duro férreo peito, já A_4

279. A despir] A dispor A_1 A_2 A depor A_4 A despedir A_5 Depondo B , o seu Génio] seu génio A_5 o seu costume B

280. A ouvir os rasgos do afligido Esposo. B

282. humana] a humana B

284. as duras] as duas B

286. Sem exemplo] E, sem exemplo, A_2

287. Se lhe] Lhe A_5

289. Contanto] Ordena B

300. Além] Passa além A_5

302. De Loto] De luto A_1 A_2 A_3 A_4

305 Já quase Aura vivente
 Feliz respira{va}, quando
 Mais demora a Saudade não consente,
 E para a Esposa o rosto atrás voltando,
 Eurídice não via
 310 E perde-a para sempre à luz do Dia;
 Culpa digna de escusa e de piedade
 A havê-la na Região da Iniquidade.

Do mais profundo centro
 Do Reino tenebroso
 315 Três vezes se ouviu fora e três lá dentro
 Um Trovão formidável e espantoso;
 Deixou o som horrendo
 As Tartáreas abóbedas tremendo;
 E foi da voz do Fado inalterada
 320 Segunda vez Eurídice chamada.

Os braços deligente
 Orfeu com ânsia viva
 Já duma e doutra parte inutilmente
 Estende após da sombra fugitiva;
 325 Quanto debalde abraça
 O vento leve que de intorno passa!
 Mil vezes tenta o mesmo desvario
 E nunca prende mais que o ar vazio.

305. Aura] a aura *A*₄

306. respira{va}] respirava *A* *A*₅

307. Porque demoras mal o Amor consente *B*

308. E para a Esposa o rosto atrás] O rosto para a Esposa atrás *B*, voltando] virando *A*₂ *A*₃

310. E perde-a] E perdeu *A*₁ *A*₂ *A*₃ Que perdeu *A*₄, à luz] a luz *A*₁ *A*₂ *A*₃ *A*₄

312. A havê-la] A vê-la *A*₁

Post 312. *Em B há uma estrofe que não consta das outras versões:* Qual infeliz que o fogo/ De Jove irado
 levemente abraça,/ Que perde o tino logo/ E julga sonho o que por ele passa;/ Orfeu, sem ver aonde/ O
 seu único Sol se esconde,/ À roda os braços mil vezes estende,/ Mas ar e sombras outras tantas prende.

315. se ouviu fora] se ouviu *A*₅, lá] cá *A*₁ *A*₂ *A*₅

317. o som] ao som *A*₁ *A*₂ *A*₄

321.-328. *Falta esta estrofe em B*

322. com ânsia viva] em vão movia *A*₁ *A*₂ *A*₄

323. e doutra] e outra *A*₂ *A*₃, inutilmente] e inutilmente *A*₄

324. Estende] Os lança *A*₄, fugitiva] que fugia *A*₁ *A*₂ *A*₄ e fugitiva *A*₃

325. Quanto] Quando *A*₁ *A*₂ *A*₄

306. A métrica e o contexto mostram que a forma verbal deve estar no presente, pelo que decidimos
 acolher a lição de *A*₁ *A*₂ *A*₃ *A*₄ *B*.

Enfim não se apartava
330 Da Gruta nem podia,
Crendo sonho e ilusão quanto passava
E que de novo a Esposa tornaria;
Porém desenganado
Que Eurídice não vinha, louco e irado
335 A Lira quis romper e por desdoiro
Da Testa ao Cão arroja o verde loiro.

Sete meses inteiros
O triste e miserável
Foi visto pelos ásperos oiteiros
340 Do horrível Hemo e Ródope intratável;
Os rústicos Penedos
Corria do Rífeu e os arvoredos
De que se cobre o curso dilatado
Do Tânaís frio, do Strímon gelado.

Eurídice chamava
345 Em vão continuamente;
Eco somente Eurídice tornava
Ao triste, doloroso e descontente.
A lastimosa História,
350 A Tragédia infeliz, que na Memória
Trazia dos seus míseros Amores,
Docemente cantava aos seus Pastores.

Dizem que então os montes
Após do suave canto

329. Enfim] Orfeu *B*

336. Cão] Chão *A1 A2 A3 A4 B*, arroja] arraia *A5*

338. triste] pobre *B*, e miserável] miserável *A1 A2 A4 B*

340. Ródope] Ródo *A5*

341. Os rústicos] Os rústico *A5*

343. De que se cobre o curso] De que o curso *A1* De que se arreia *A4*

344. do Strímon] do Hémon *A3* e Strímon *A4* do Térmon *A5*

345. chamava] clamava *B*

347. Eco] O eco *A2 A3*

351. dos seus] de seus *A1 A3 A4*

340. Hemo e Ródope – Montanhas da Trácia. Hemo era um dos filhos de Bóreas e de Orítia. Casou com Ródope, filha do deus-rio Estrímon, e com ela reinou na Trácia. Tiveram contudo a ousadia de fazer com que lhes fosse prestado culto, pelo que, em castigo do sacrilégio, foram transformados em montanhas.

342. Rífeu – Monte da Cítia.

344. Tânaís – O Don, rio que separa a Europa da Ásia.

Strímon (ou Estrimão) – Rio da Trácia.

355 Mudáveis caminhavam e que as Fontes
As águas suspendiam; tanto, tanto
Podia a branda Lira
Que {a}inda a Fera que só terror inspira
Pacífica se torna; e das montanhas
360 Arrancando-as, fundou Nações estranhas.

Triste, não só fugia
De todas as mulheres
Que o buscavam, mas inda as ofendia
Desprezando os seus dons e os seus prazeres;
365 Demais lhes arrancava
Os queridos Esposos e os levava
Suspensos e em total esquecimento;
Tanto podia o Dêlfico instrumento!

Passava neste estado
370 A vida lacrimosa,
Até que foi de súbito assaltado
Da família de Baco rigorosa;
Convulsas, delirantes,
As dementes e indómitas Bacantes,
375 Sem que a Lira as movesse, o acometeram
E crua morte e mísera lhe deram.

No corpo destroçado
A sacrílega Tropa,
Bebendo o sangue já desanimado,
380 As ímpias e homecidas mãos insopa;
A cítara, que dantes
As árvores trazia mais distantes,
Fizeram em pedaços e à corrente
Lançam do Hebro e o cadáver juntamente.

385 Separada a cabeça
Do busto miserando,

358. {a}inda] ainda $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 B$, só terror inspira] só terror suspira A_4 terror inspira B

363. inda] ainda $A_1 A_2 A_3 A_5$

364. dons e os] dons, os $A_2 A_3 B$

367. em total] com total $A_1 A_2 A_5$

374. dementes e indómitas] dementes, indómitas $A_2 A_3$

376. crua] dura B , e mísera] mísera B

384. e o cadáver] o cadáver $A_1 A_2 A_3$ e cadáver A_5

358. A métrica impõe esta aférese.

Pelo rio, que atónito se apressa,
Ao mar com vários curso vai rodando;
Da alma fugitiva
390 Saindo pela boca semiviva,
A derradeira voz que se lhe ouvia
Inda *Eurídice*, *Eurídice*, dizia.

387. se apressa,] se apressa *A₁ A₄*

388. Ao mar] Ao mar, *A₁ A₄ B*

389. Da] E da *B*

O idílio é constituído por oitavas em que o decassílabo alterna com o seu quebrado, o hexassílabo (vv. 1, 2 e 5). O esquema rimático é do tipo ABABCCDD.

2. Ode *Como torna outra vez à nossa idade*

Testemunho impresso: Folheto

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor João de Almada e Melo. Do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, Tenente-general dos seus Exércitos, com o Governo das Armas do Porto e seu Partido. Governador das Justiças, Presidente da Marinha e da Câmara da mesma Cidade, &c. &c. &c.

Ode

Como torna outra vez à nossa idade
O tempo de Saturno!
Quem, para a revestir de claridade,
Levanta o véu nocturno
5 Que as terras assombra! A quem devemos
O júbilo que vemos
Por elas espargido! Só logrado
No século doirado!

Escuso repetir de ALMADA, escuso,
10 Tão ínclito Apelido
(Na ilustre fundação do Pátrio Luso
Heróico e conhecido),
Que as trevas do seu pálido Horizonte
Dissipa como a Fonte
15 Celeste e ardente donde as luzes belas
Recebem as Estrelas.

A Estação dos Invernos desabrida
Com pé ligeiro foge;
E em Primavera plácida e florida
20 Os anos férteis hoje
Se logram convertidos, transformando
Astro benigno e brando

Legenda. Natural de Monção, João de Almada e Melo (?-1786) começaria por se destacar na carreira militar: foi Coronel do regimento de Infantaria da guarnição do Porto, Tenente-general dos reais exércitos e, entre 1757 e a data da sua morte, Governador das Armas do Porto e seu Partido. Em 1763, criou a Junta das Obras Públicas, iniciando um conjunto de importantes transformações urbanas, que viriam a ser continuadas pelo seu filho, Francisco de Almada e Mendonça. No ano seguinte, seria nomeado Governador das Justiças e Relação da Casa do Porto. Exerceu ainda outros cargos importantes, como o de membro do Conselho real, e obteve distinções como a de Comendador da Ordem de Cristo.

A nunca estável roda da Fortuna
Em sólida coluna.

25 Nas Províncias as Armas em descudo
Ressuscitam de novo;
Já contente se aplica ao Márcio estudo
O regulado povo;
Já nos ombros Neptuno a estranhas Ilhas
30 Conduz as nossas Quilhas;
Já crescem para nós, para os vindoiros,
Os viçosos loiros.

Quem não vê que se pule e vai lavrando
O trono de Minerva?
35 Os artífices doutos animando
O braço que os conserva?
As Artes, pouco dantes ignoradas,
Venceram restauradas,
Co'a protecção do válido Mecenas,
40 As da famosa Atenas.

O equilíbrio tombado ou mal sustido
Na balança de Astreia
Se apruma e se restaura; o retorcido
Tesoiro de Amalteia,
45 Que de flores e de frutos mil se adorna,
Com profusão se entorna
Pelas campinas áridas e adustas,
Já pingues e robustas.

As pampinosas vides enroscadas
50 Nas grossas carvalheiras;
As maduras espigas alastradas
Nas empedradas ciras,
Mostrando-nos estão a Agricultura,

25. descudo – Variante de *descuido*.

32. Este verso tem 5 sílabas.

42. Astreia – Filha de Zeus e de Témis, representava a Justiça. Viveu entre os homens na Idade de Ouro, refugiou-se nos montes na Idade de Prata e fugiu para o firmamento na Idade de Bronze, transformando-se na constelação de Virgem.

44. Tesoiro de Amalteia – Amalteia foi a ama que alimentou Zeus e o criou em segredo, subtraindo-o assim às buscas de Crono, que o queria devorar. Zeus viria a oferecer-lhe aquele que ficaria conhecido como Corno de Amalteia ou da Abundância, caracterizado pela miraculosa particularidade de se encher do que a sua dona desejasse.

55 Que próvida procura
 Desarraigar a ideia que algum dia
 Inútil a fingia.

À sombra da palmeira altiva e nobre
 A Paz serena e pura
 Sobre um leito de plumas se descobre
 60 Com branca vestidura;
 O Espírito feroz, que acende a guerra
 Na surface da terra,
 Mordendo a língua, em triste parocismo
 Se despenhou no Abismo.

65 Não tanto o irado mar na costa brava,
 Que dele se está rindo,
 Ou na rocha tenaz, que cerca e lava,
 Quebrando, vai bramindo;
 Como a raivosa Inveja desgrenhada,
 70 A vista ensanguentada,
 Muito longe de nós em prisão bronca
 Encarcerada ronca.

Os Álamos em ordem já crecidos
 Dura seguir não temem;
 75 C'os pesos enormíssimos erguidos
 No alto, as roldanas gemem;
 As Ruas vejo abrir, rasgar os montes,
 Em borbotões as fontes
 Desentranhar do centro e em quantidade
 80 Popular a Cidade.

Alegre o Doiro rápido levanta
 A limosa cabeça;
 Assombra-se de ver grandeza tanta
 E esconde-se depressa;
 85 Corre às grutas salobres do Oceano
 E estranhamente ufano
 Ali conta os prodígios exteriores
 Aos mudos nadadores.

77. montes,] montes

78. fontes] fontes,

62. surface – Galicismo; superfície.

90 Já nos verdes Tritões e nos Golfinhos
 Dóris e as brancas Filhas
 Cortando vêm os tímidos caminhos,
 A ver as maravilhas
 De clima diferente; os moradores
 Dos húmidos redores
 95 Desertam prontos, por moradas novas,
 As salitradas covas.

Das terras mais remotas, mais distantes,
 Buscando o suave abrigo,
 Concorrem numerosos habitantes...
 100 Mas onde estou? Que digo?
 Esse monstro de bocas e olhos cento
 Publique este portento,
 De que o Minho se jacta, o Lima e o Doiro,
 Digno da idade de Oiro!

105 A Fama em seu coturno levantado
 Só justamente exprime
 E pode achar louvor proporcionado
 A Objecto tão sublime;
 Longe, longe a vaidade; ninguém deve
 110 Ou pode em concha breve
 As ondas recolher; quem dele cante
 Mais alto se levante.

Os edifícios públicos, a glória
 Dos novos fundamentos,
 115 Lhe servirão no Templo da Memória
 De eternos monumentos;
 Não menos que nos mármore preclaros
 Seu nome e feitos raros
 Veremos entre nós e outros destritos
 120 Durável nos Escritos.

90. Dóris – Era filha do Oceano, mulher de Nereu e mãe das Nereídes.

101. A Fama, que tinha um grande número de olhos e de bocas.

A ode é formada por oitavas, em que o decassílabo alterna com o seu quebrado, o hexassílabo. O esquema rimático é do tipo ABABCCDD.

3. Poema *O militar esforço*

Testemunho impresso: Licença, p. 3-11

Licença

O militar esforço,
A intrépida constância, o firme peito
Do grande Capitão da antiga Roma,^I
Que variável cena
5 Acaba de exaltar aos nossos olhos,
Como virtudes raras
Que d'Átila cruel a fúria humilham
E prendem da Fortuna a instável roda
(Por muito que as celebre o pátrio Cisne),^{II}
10 Benéfico TOMÁS, Augusto Melo,
Nunca serão mais que uma imperfeita
Imitação de quanto a Vós respeita.

Testemunha me seja o Tejo e o Ganges;
O Mundo velho e novo;
15 Os Índicos palmares;
Os mares do Oceano e da Ásia os mares;^{III}
Os Africanos muros,
De pânico terror e susto frios;^{IV}

^I Ézio, Capitão Romano, vencedor de Átila, Rei dos Hunos.

^{II} O Abade Pedro Metastásio, Poeta Romano, que alta e docemente cantou as acções da sua Pátria.

^{III} Lugares por onde militou Sua Excelência, empregado no serviço da Tropa e da Marinha Portuguesa, onde é Coronel do Mar da Armada Real.

^{IV} Ataque de Argel, onde se achou Sua Excelência no ano de 1784, comandando a Fragata chamada Delfim, de quarenta peças; e ao fazer-se à vela, partindo-se a verga da Gávea, decaiu a Fragata e aterrou-se, de modo que passou perto de Cabo Cassine e de terra a saudaram com alguns tiros de artilharia.

Licença. Este poema e os quatro sonetos seguintes foram recitados a 21 de Setembro de 1788, data do aniversário natalício de D. Tomás José de Melo, Governador de Pernambuco entre 1787 e 1798, no final da representação de um drama de Metastasio, *Ézio em Roma*.

As 35 notas numeradas são da responsabilidade do autor. Embora no original aparecessem no final do poema, decidimos colocá-las abaixo do texto e acima do nosso aparato, num corpo intermédio, de forma a tornar a leitura mais cómoda. Havia no original várias gralhas relativas à representação das notas, que não hesitámos em corrigir: no rodapé final, as nota 13 e 35 apresentavam os números 14 e 45; no corpo do poema, faltava a indicação da nota 32 no final do verso 101, e o número de todas as seguintes tinha portanto uma unidade a menos.

20 De Valeta o penhasco; áspera escola
 De Príncipes guerreiros; férreo jugo
 Do circunciso Mouro,
 Que ousado em nosso dano
 Infesta o Estreito e o Mar Mediterrâneo.^v
 Quão diverso Heroísmo!
 25 E quanto mais à humanidade grato!
 Em nossos corações vos ergue um Templo!
 A Brandura, a Prudência, Irmãs divinas
 Do singular talento
 Com que regeis o Território vasto
 30 Deste fértil País que a Vós confia
 A mais Alta Rainha do Universo;^{vi}
 O zelo infatigável
 Do Bem comum, da utilidade pública,^{vii}
 A pressa, a actividade
 35 Em reprimir solícito, oportuno,
 As iras de Vulcano e de Neptuno.^{viii}

O cofre da abundância aberto, a tempo
 Que a descarnada Fome andava em roda
 Ameaçando a consternada terra,^{ix}
 40 Graças às providentes
 E vigilantes Ordens
 Que afogaram no berço o Monopólio,
 Que alimentavam vários
 Dos géneros à vida necessários!^x

45 Uma total reforma
 Nos alistados respeitáveis Corpos,

^v Malta, residência actual da Religião onde Sua Excelência fez as Caravanas nas Galeras que saem a expurgar as Costas e os Mares do inimigo comum da Lei Católica Romana.

^{vi} Singulares virtudes que acompanham o Governo de Sua Excelência e que o farão eternamente memorável.

^{vii} O zelo do Bem comum e de tudo quanto pode ser útil aos Povos deste País é tão excessivo em Sua Excelência que um só instante não perde de vista este grande objecto.

^{viii} É incomparável a actividade com que Sua Excelência tem socorrido em casos urgentes as embarcações surtas neste Porto; e com que acode pessoalmente aos fogos que tem havido, acontecendo no último fazer uso de uma Bomba que pedira e que só tinha dez horas de terra, quando conseguiu com ela salvar as propriedades contíguas à casa incendiada.

^{ix} Tomou Sua Excelência posse do Governo em ocasião que se experimentava a maior penúria de carnes e farinhas; e acudiu a esta falta com tão providentes Ordens que há já muitos meses que se logra a abundância de ambos os géneros.

^x Repetidos Editais, com que Sua Excelência debaixo de gravíssimas penas proibiu a travessia dos géneros da primeira necessidade, cujas sórdidas e iníquas negociações estavam praticando alguns indivíduos descaradamente.

Que são o nervo, a defesa do Estado;^{XI}
 Os Postos, as Patentes,
 A todos sem mistério conferidas;^{XII}
 50 A disciplina em rígida observância;^{XIII}
 O regular serviço;^{XIV}
 O pão dado ao Soldado,
 Que não prudente máxima a dinheiro
 Havia comutado, sem bastar-lhe^{XV}
 55 A sábia economia, introduzida
 Até nos próprios Chefes, contra o luxo
 Do fardamento incómodo e pesado,
 Que em dourados teçumes abrevia
 O moderado soldo.^{XVI} Estranho abuso!
 60 Fazer-se de tão pouco tão mau uso.

O mágico artifício,
 Com que tudo se anima e se transforma
 E cobra um novo impulso à vossa vista;^{XVII}
 A suma prontidão com que aparecem
 65 Calçadas de uma e doutra parte as Ruas;
 Abatidos os Saltos e os Tropeços;^{XVIII}

^{XI} A mostra geral, onde passaram em revista os Terços Auxiliares, formados uniformemente, completos de todos os Oficiais e Soldados, com boas músicas e muito luzimento, para o que concorreram os seus briosos Chefes regulados à maneira de Tropa paga; no que lhe pode ser aplicável o Regulamento, tendo seus Livros Mestres para notarem as licenças, altas, baixas, &c.

^{XII} As graças e mercês conferidas por mão da Justiça, sem atenção a outros padrinhos que não sejam o próprio merecimento e a equidade.

^{XIII} A exacção na observância do Regulamento e das Ordens, sem dispensar ainda nos pontos mais ligeiros da subordinação.

^{XIV} O serviço diário da Praça feito com toda a regularidade, sucedendo algumas vezes correr Sua Excelência de noite as guardas para observar o estado delas e as conter nos limites da sua obrigação.

^{XV} A santa Providência de municiar a Tropa, a quem se davam 120 reis para uma quarta de farinha, ainda no tempo de custar o alqueire a três mil reis e mais; origem esta de infinitos abusos e uma das causas da carestia deste género.

^{XVI} A louvável reforma do fardamento em ambos os Regimentos pagos, agora mais ligeiro e breve, sem os muitos galões que o faziam insuportável e para que não bastavam os soldos dos Oficiais, sendo os Chefes os primeiros em praticar esta economia.

^{XVII} Parecem na realidade efeitos de alguma mágica as muitas obras que se têm feito em menos de um ano e que se continuam com tanto ardor que desconhece o País quem vem de fora e tinha dele antigo conhecimento.

^{XVIII} Calçadas as Ruas do Recife debaixo de um mesmo plano e ladrilhadas as do Bairro de Santo António, tirados todos os degraus e poiais que cada um abusivamente deixava à sua porta.

58. teçume – Tecido.

Resguardados do Inverno os lenhos curvos,
 Que ao futuro hão-de ser boiantes torres;^{XIX}
 Armazém destinado ao Pau vermelho,
 70 Ao Trem rudo, ao marítimo calabre;^{XX}
 Ferraria espaçosa, onde se ocupe
 A mocidade e a fabricar aprenda
 Os raios de que Jove a mão tremenda
 Armou contra os Gigantes.^{XXI}
 75 Aula de Matemáticas, que ensine
 Aos Alunos de Marte as leis e as regras
 De cobrir o País de enormes massas,
 De calcular a elevação da Bomba,
 O sítio, o solo e as explosões da Mina.^{XXII}
 80 Aproveitam-se os Contos;^{XXIII} dos Expostos
 Funda-se a Casa pia;^{XXIV} um Lazareto
 Se traça e se dispõe; asilos santos
 Para reunir e prolongar a vida
 Do inocente que nasce
 85 De criminosa ou desgraçada sorte;
 E do que espera sem remédio a morte.^{XXV}

 Um público Mercado em arcos surge;^{XXVI}
 A Ribeira do peixe se começa;^{XXVII}

^{XIX} Grande Telheiro de 455 palmos de comprido e 60 de largo entre o Forte Bom Jesus e os chamados Quartéis da Junta, onde se recolhem do tempo as madeiras de construção.

^{XX} A boa arrumação e forma dada aos Armazéns que havia, de sorte que se acha empilhada grande cópia de pau Brasil, safo o Trem e bem acondicionadas as amarras, viradores e mais sobrexcelentes que com muitas âncoras vieram há pouco e se guardam para socorro dos Navios.

^{XXI} Um Armazém acrescentado e disposto para servir de Ferraria onde se alimpem e consertem os armamentos; e se recolham alguns rapazes para aprenderem os ofícios.

^{XXII} A Aula de Engenharia, aberta com assistência de Suas Excelências, onde se empregam com louvável aplicação muitos Militares e Paisanos, da qual é Lente João Rebelo de Cerqueira e Aragão.

^{XXIII} A reforma da Casa dos Contos, que estava sem uso e ficou sendo bem útil pelos seus armazéns e por duas Prensas de Algodão que nela se puseram.

^{XXIV} Uma Roda de Enjeitados, cuja obra se acha em boa altura, e nela se recolheram já catorze crianças.

^{XXV} Um Hospital de Lázaros, para o qual todos os Moradores têm voluntariamente aplicado várias esmolos, conhecida a grande necessidade que há de se recolherem os miseráveis, infectos deste mal que tem grassado consideravelmente sem remédio.

^{XXVI} O Mercado da Praça chamada da Polé: edificio vistoso e muito cómodo, composto de 62 casinhas sobre arcos, a cujo abrigo se vendem todos os efeitos da Terra.

^{XXVII} A Ribeira de peixe, em que se trabalha actualmente no largo da Penha, composto de 128 bancas.

90 Aparelha-se um cómodo Guindaste;^{xxviii}
 Aterro sobre as ondas se levanta
 (Trabalho insano e duro,
 Mas ao certo utilíssimo trabalho,
 Que o trânsito franqueia e vinga a terra
 Das injúrias do Mar; e plano forma
 95 Capaz da nova Feira:^{xxix} ali três dias,
 E como em turbilhões a gente ferve
 E é Vila de altas e alinhadas tendas
 Onde os ocos madeiros^{xxx} já cruzaram).
 Retira-se das Portas
 100 O torpe aspecto das tecidas canas;^{xxxI}
 Os arriscados Jogos se proibem;^{xxxII}
 A Polícia dos povos se promove;
 Frequenta-se o Teatro.^{xxxIII} Anfião e Orfeu
 Que outra coisa fizeram
 105 Quando muros e leis ao Mundo deram?

 São estas maravilhas
 E muitas outras que ideadas pendem^{xxxIV}
 (E que lembram somente às grandes Almas)

^{xxviii} Um Guindaste para facilitar o desembarque dos Paus de construção das lanchas para o Telheiro e deste para os navios de transporte; cujo pesado trabalho era feito às costas de Forçados e Índios, a risco de se estropearem, como tem acontecido algumas vezes; à factura dos alicerces assiste Sua Excelência de noite, segundo as horas da maré.

^{xxix} A Grande obra do Aterro denominado dos Afogados, que por espaço de mais de 200 braças atravessa o Mar com oitenta palmos de largura: única e principal serventia desta Praça para a banda do Sul e amparo da terra pelo lado da boa vista (sic), para onde as águas tinham feito cabeça e viriam a fazer dano brevemente; sobre o mesmo Aterro se fez a nova Feira nos dias 19, 20 e 21 de Setembro próximo, estendendo-se em linha e com a mesma altura as Barracas, ricas de mercadorias e de víveres; a meia distância estava a tenda de campanha, em que Sua Excelência se recolhia; e foi tão numeroso o concurso do Povo que para evitar as desordens determinou o mesmo Senhor que andasse um Piquete de Cavalaria, Soldados de pé e a Ronda das Justiças, além de alguns Officiais encarregados da paz e sossego público; e não satisfeito de todas estas precauções aparecia ainda de noite a cavalo em diferentes horas e visitava as guardas da Vila, com que conseguiu que não houvesse nela um só furto nem na Feira o mesmo distúrbio.

^{xxx} Madeiros ocos são as Canoas feitas de um só pau cavado; embarcações próprias do País.

^{xxxI} Tiraram-se das portas e janelas as chamadas urupemas, que deturpavam o aspecto dos edifícios.

^{xxxII} Não permite Sua Excelência que hajam mais jogos que aqueles de mero divertimento, assim no seu Palácio como em toda a terra.

^{xxxIII} Com a frequência do Teatro se adianta a civilidade e doçura dos costumes.

^{xxxIV} Além dos estabelecimentos acima referidos, todos os mais de que carece o País e que podem remediar as necessidades dos Povos ocupam a ideia activa e criadora de Sua Excelência.

110 As que exigem de nós solenes cultos.
 Hoje, que o Sol um giro
 Completa sobre a Eclíptica brilhante
 Depois que o nono lustro
 Contais de glórias e de aplausos cheio;^{xxxv}
 Hoje, que o dia se renova ilustre
 115 Em que vistes do Mundo a luz primeira;
 Dia festivo à Lusa Monarquia;
 E para Pernambuco
 Dia de fausto agouro,
 Que o fará recordar a idade de ouro.

120 Oh, nunca Fado escuro
 Tão venturoso horóscopo envenene!
 Aura branda acompanhe as doces horas!
 E aos derradeiros Netos,
 Da gratidão movidos, da saudade,
 125 Os enrugados velhos,
 Mostrando com o dedo os sempre claros
 Monumentos do pródigo Governo
 Que o tempo não consome,
 Abençoarão de Dom TOMÁS o Nome.

^{xxxv} Tem Sua Excelência quarenta e seis anos de idade.

O poema é formado por estrofes irregulares, em que o decassílabo alterna com o seu quebrado, o hexassílabo. Predomina o verso branco, mas há rima emparelhada nos dois versos finais de cada estrofe.

4. Soneto *Ou leve as armas a País remoto*

Testemunho impresso: Licença, p. 12

Aos Faustíssimos Anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Tomás José de Melo, Governador e Capitão-general de Pernambuco, Paraíba e mais Capitanias anexas

Soneto I

Ou leve as armas a País remoto
E impávido sulcando os altos mares,
Ousado afronte os inimigos ares
E o Bóreas fero vença e o bravo Noto;

5 Ou do Régio Conselho enchendo o voto,
Do novo Mundo nos distantes lares,
Acções ilustres, feitos singulares,
Vá produzindo com valor ignoto;

10 É prudência e valor tudo o que encerra
O grande Herói dos Melos Lusitanos,
Que os seus anais ilustra e ilustra a terra;

Dizei, confessai vós, Pernambucanos...
Políticos heróis, heróis da guerra,
Aprendei de TOMÁS a contar Anos.

5. Soneto *Pôr duro freio ao dissoluto vício*

Testemunho impresso: Licença, p. 13

Soneto II

Pôr duro freio ao dissoluto vício
Que as entranhas da Pátria devorava,
Promover a abundância que faltava,
Punir aos maus e ser aos bons propício;

5 Fazer universal o benefício,
Que a indolência culpável denegava;
Tornar feliz o que infeliz se achava
E desterrar até do mal o indício;

10 São, Grande Melo, as nobres fidalguias
Que ilustram já do teu Governo a história
Mais que os brasões das Régias Jerarquias.

Assim do Tempo alcançarás vitória;
Que de uns marcam-se os anos pelos dias;
Mas os teus por acções de imortal glória.

6. Soneto *Que vejo, ó Céus! É este o desgraçado*

Testemunho impresso: Licença, p. 14

Soneto III

Que vejo, ó Céus! É este o desgraçado
Pernambuco que a Fome devorava?
Que a todo o instante em lágrimas banhava
A dura algema e o grilhão pesado?

5 Agora exulta alegre congregado
Onde com brava força o Mar rolava;
E no vale em que a morte ameaçava,
As Ninfas folgam, voa o Deus vendado!

10 Que braço, ou antes Nume alto e poderoso,
Em bens nos converteu os fatais danos,
Fez deste Povo um Povo venturoso?

Foi quem cumpre os Decretos soberanos,
Quem é Sábio, Prudente e Valeroso;
TOMÁS, que hoje domina sobre os Anos.

7. Soneto *O extenso Pernambuco aos Céus erguia*

Testemunho impresso: Licença, p. 15

Soneto IV

O extenso Pernambuco aos Céus erguia
A triste face em lágrimas banhada;
Vendo a moça Viúva desolada,
O Inocente, a Donzela, em agonia.

5 Quando o Augusto Ceptro revolvia
A ínclita Rainha sublimada;
E logo, dividindo a azul Estrada,
Vem Melo, que mil ditas prometia.

10 Entra logo a reinar grande abundância,
Desterra-se a Fome; e os fatais danos
Dela fogem então sem repugnância.

Parece enfim que os Numes soberanos
Aqui desceram da celeste Estância,
Quando TOMÁS numera novos Anos.

2. POEMAS PUBLICADOS POSTUMAMENTE

8. Soneto *Não é mais rara que um sincero amigo*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 8 (an.) = \mathcal{A}

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 15 = \mathcal{A}_1 / BADE, FM, 424, f. 31v = \mathcal{A}_2

Versão de \mathcal{A}

Não é mais rara que um sincero amigo
Essa ave estranha que na Arábia voa;
Fala-se dela, mas não há pessoa
Que a visse neste ou no tempo antigo.

5 Enquanto do Céu tens risonho abrigo,
Este e aquele de amigo o nome entoa;
Mas um depois não há que se condoa,
Se chegas a cair nalgum perigo.

10 Finalmente verás que de milhares
De exemplos semelhantes se reveste
A estável terra, os movediços mares.

Por fábula terei Pílade e Oreste;
E tu que amigo verdadeiro achares,
Dize que a Fénis encontrar soubeste.

Legenda. À Amizade \mathcal{A}_1

3. mas não há] sem haver \mathcal{A}_2

4. neste] nestes \mathcal{A}_2 , ou no tempo] ou tempo \mathcal{A}_1

8. nalgum] em algum \mathcal{A}_1

12. Pílade (Pílates) e Oreste (Orestes) – São duas personagens lendárias aproveitadas pela tragédia grega que constituem um exemplo de firme amizade.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

9. Soneto *Se alguém duvida que a beleza influa*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 9 (an.) = *A*

Testemunhos manuscritos: BA, 50-III-48, f. 1v = BNL, 8610, p. 16 = *A* / BADE, FM, 424, f. 43r = *A₁*
/ BM, Flores do Parnazo, V, [p. 32] = *B*

Versão de *A*

Se alguém duvida que a beleza influa
Por virtude a que chamam simpatia,
Veja em minha mortal melancolia
Quanto pode comigo Délia crua.

5 Délia mais vária que a triforme Lua,
Porém mais bela do que a luz do dia,
A quem inda depois de cinza fria
Seguirá de minha alma a sombra nua.

10 Mas em vão seguirá, que a dor não cabe,
Suposto que dos rogos s'incomode,
Em quem talvez do seu rigor se gabe.

Fujamos, pois, que o Céu benigno acode,
Não d'Amor, que fugir-lhe ninguém sabe,
Mas de Délia, com quem amor não pode.

2. E que dê no mundo simpatia *B*

3. mortal] imortal *B*

4. pode] vale *B*

5. que a triforme] do que a própria *B*

7. inda] ainda *B*

9. que a dor] que dor *A₁ B*

10. Suposto que dos] Por mais que de meus *B*

14. Mas de Délia] De Délia sim *A₁ B*

ABBA / ABBA / CDC / DCD

10. Soneto *Oxalá que constasse à gente toda*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 10 (an.) = A_1

Testemunho manuscrito: BADE, FM, 424, f. 27r = A / BNL, 8610, p. 21 (an.) = A_2

Versão de A

Oxalá que constasse à gente toda
Teu falso proceder, vária Fortuna,
Qual te viu sobre sólida coluna
Da Grega Estirpe, da Romã, da Goda!

5 Já num pobre Tugúrio se acomoda
Quem pendeu da magnífica Tribuna;
Gemendo vai debaixo da importuna
Miséria o mesmo que se alçou na roda.

10 Quando o tempo virá que esta mudança
Que fazes ninguém tema? Pois devia
Desterrar a rezão tão vil usança.

Triste daquele que inda em ti confia!
Depois de gasta a vida em esperança,
Não dura o teu favor mais do que um dia.

4. Estirpe] stirpe A_2 , Romã, da Goda] Romana e Goda A_2

6. da magnífica] de magnífica $A_1 A_2$

8. o mesmo que] que A_2

10. tema?] tema, $A_1 A_2$

12. confia] confia, $A_1 A_2$

13. a vida] toda a vida A_1

ABBA / ABBA / CDC / DCD

11. Soneto *Nas profundas entranhas de um rochedo*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 11 (an.) = \mathcal{A}

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 213 = \mathcal{A}_1 / BM, Flores do Parnazo, V, [p. 93] = \mathcal{A}_2

Versão de \mathcal{A}

Nas profundas entranhas de um rochedo,
Uma gruta formou a Natureza,
De tão triste, tão fúnebre aspereza
Que ao monstro mais feroz causara medo.

5 Ali passava Almeno o seu degredo,
Monstro de Amor, imagem da firmeza,
Sem ter mais sociedade que a tristeza,
Nem outro emprego mais que o seu enredo.

10 Se da passada lida adormecia,
No tumulto dos ais o despertava
O contínuo rumor da fantasia.

A rocha sempre em lágrimas banhava,
E quanto nela o pranto desfazia
Tanto nela a firmeza fabricava.

1. profundas] horríveis \mathcal{A}_2

3. tão triste, tão fúnebre] tão horrenda e fúnebre \mathcal{A}_1 tão estranha e fúnebre \mathcal{A}_2

5. Almeno] Albano \mathcal{A}_2

9. passada] cansada \mathcal{A}_2

14. Tanto] Quanto \mathcal{A}_1 , nela] nele \mathcal{A}_2

ABBA / ABBA / CDC / DCD

12. Canção *Ó vós, Zéfiros brandos, que voando*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 68-70 (an.) = *A*

Testemunho manuscrito: BGUC, 2555, f. 6r-8r = *B* / BM, Collecção Poetica, II, f. 49v-51v (an.) = *C*

Versão de *A*

Sonho

Ó vós, Zéfiros brandos, que voando
À vista do Mondego que ali corre,
Por entre as verdes folhas desta faia
Brincais alegremente;

5 Enquanto do trabalho fatigada
Repousa em doce sono a gente humana,
Eu só desperto neste fresco vale
Convosco estou velando.

10 Tudo dormindo está, tudo descansa,
E a minha Alcida a estas horas dorme;
Porém dormindo lá me tem consigo
No brando pensamento.

15 Se acaso, amáveis sonhos, estas faias,
Neste lugar por minhas mãos plantadas,
Prazer vos dão, enquanto dorme Alcida
Voai {a} onde eu vos mando.

Nas frescas margens dos serenos rios
Que regam Pafos e os jardins d'Idália,

Legenda. Canção *B* Ode *C*

3. desta faia] destas faias *B C*

5. *Em A não há nunca separação estrófica*

6. em doce] no doce *C*, a gente humana] a humana gente *B C*

7. desperto] de perto *B*

13. sonhos] ventos *B C*

14. por minhas mãos] por minha mão *C*

16. {a} onde] aonde *A*

17. Nas] Nestas *C*

16. A aférese é imposta pela métrica.

18. Parece-nos uma gralha clara, pelo que acolhemos a lição de *C*.

18. Idália – Vénus. O nome provém de *Idálio*, monte de Chipre.

20 Cresce travessa chusma numerosa
De brincadores sonhos.

Com as asas bordadas de mil cores,
De que dependem mil e mil desejos,
Quais lindas borboletas revoando,
Por entre os mirtos brincam.

25 Ora se sentam nas fragantes rosas,
Ora se banham na mais clara fonte;
Dormem de dia, velam toda a noite;
Várias figuras tomam.

30 Citereia os sustenta, Amor os manda;
É a seu mando fiéis que n'alta noite
Da donzela gentil o casto seio
Ousados acometem.

35 Se amaste[s] já, se o meu amor vos move,
Voai, Zéfiro meus, voai ligeiros;
Colhei-me à mão os sonhos mais formosos,
Colhei quantos puderdes.

40 Trazei-mos sobre as asas bem seguros,
Que vos não fuja um só; em mos trazendo,
Voai, voai depressa, ide lançá-los
Sobre os peitos d'Alcida.

Sobre os peitos de Alcida inda nascentes,
Um a um os lançaí, mas com brandura;

18. Pafos] Cipre *B* Chipre *C*, Idália] Itália *A C*
 22. dependem mil e mil] pendem mil espíritos, mil *B* pendem mil graças, mil *C*
 24. os mirtos] as murtas *B C*
 25. sentam] assentam *B C*
 29. os manda] que manda *C*
 30. É a] Ao *B C*, que n'alta noite] o casto seio *B C*
 31. o casto seio] lá n'alta noite *B C*
 33.-36. *Falta esta estrofe em C*
 33. amaste[s]] amaste *A* amasteis *B*
 35. Colhei-me] Colhei *B*, os sonhos] sonhos *B*
 36. puderdes] puderes *B*
 37. Trazei-mos] Trazei-me *B*
 38. em mos] e em mos *C*
 40. os peitos] o peito *C*
 42. Um a um] A um e um *C*, mas com] com *C*, os lançaí] lançaí *B* lançaí-os *C*

Cubram seus peitos mil travessos sonhos
E com eles se abracem.

45 Daí com brando jeito e gentil força,
‘té o seu coração manso calcando,
Todos a um tempo gostos lhe finjam,
Excitem mil prazeres.

50 Acorde o seu amor, despertem n’alma
Doces lembranças que até ali dormiam
E brotem lá das íntimas entranhas
Fervorosos desejos.

55 Arda mais incendiada a chama viva
Que por mim de contínuo arde lá dentro;
De veia em veia vá lavrando o fogo
E o corpo lhe repasse.

60 Suspire então d’Amor, Alcino chame,
Só veja o seu Alcino por quem morre;
Amáveis sonhos, se em vós há ternura,
Mostrai-lhe o seu Alcino.

De gosto ao ver-me o coração lhe salte,
Doce sorriso por seu rosto voe;
A mão me estenda, como quem me chama
A seus queridos braços.

65 De seus mimosos encarnados beijos
Desprenda, inda que em vão, risinhos beijos;

45. Daí] Dali *B C*, gentil] subtil *B C*

46. ‘té o] ‘té ao *B C*, manso calcando,] se lh’introduzam. *C*

47. gostos] mil gostos *C*

49. Acorde o seu] Acordem seu *C*

Acorde e seu amor desperte n’alma *B*

51. E brotem lá] E brotem *B*

52. Fervorosos] Vivíssimos *B C*

53. Arda] Acorde *B*, a chama viva] na viva chama *B*

Acorde mais acesa a viva chama *C*

56. o corpo] os membros *B C*

58. Só veja] Veja ela *B C*, o seu] seu *C*

63. A mão estenda com que me chame *B* Estenda a nívea mão com que me chame *C*

64. Aos seus peitos me aperte. *C*

65. De seus] Dos seus *C*, mimosos encarnados] mimosos e encarnados *B*

Solte vozes d'amor e de ternura
Banhada d'alegria.

70 Como se junto a si o seu Alcino
Doce tivera sobre os alvos peitos,
Cruze com ânsia os amorosos braços,
Neles me tenha preso.

75 Então em mil prazeres entranhada,
Solte um terno suspiro; e vós, ó ventos,
Trazei-me aqui depressa, inda abrasado
Das chamas de seu peito.

68. No meio dos seus gostos. *B C*

69. junto a si o seu] junto ao seu *B* junto do seu caro *C*

70. tivera] estivesse *B C*

73. prazeres] deleites *B C*, entranhada] engolfada *C*

75. Trazei-me] Trazei-mo *B C*, abrasado] incendiado *B C*

76. de seu] do seu *B C*

A canção – ou ode – é formada por quadras de versos brancos. Do ponto de vista métrico, os três primeiros versos de cada estrofe são decassilábicos, ao passo que o último é um hexassílabo.

3. POEMAS INÉDITOS

13. Idílio *Aonde acaba e estende*

Testemunho manuscrito: BADE, FM, 424, f. 60r-65r

Idílio

Inde abit ulterius mediique per aequora Ponti
Fert praedam; pauet hace litusque ablata relictum
Respicit.

Ovi. *Met.* L. II

Aonde acaba e estende
De um Pólo a outro o Mar mediterrâneo
A costa que defende,
Fenícia vemos; hoje do Otomano
5 Província, que algum dia
Seus próprios Reis havia;
E já serviu de Escala ao Navegante
Para o grosso comércio de Levante.

Aqui foi Palestina,
10 Que depois padeceu mísero estrago;
Daqui fugiu mofina
A ilustre fundadora de Cartago;
Aqui pois da campanha
Que o fresco Leontes banha,
15 No tempo do sossego miserando,
Entre as mãos de Agenor estava o mando.

Na elevação de um Monte
A Tíria capital do Reino estava;
Ao mar que tem defronte
20 Aprazível e alegre vista dava;
De sobre esta colina,
Vastíssima campina
(Que pouco a pouco a branca praia dece)
Coberta de rebanhos aparece.

25 Por este sítio ameno,
De um plácido Ribeiro retalhado,

Epígrafe. Trata-se dos vv. 872-874 do livro II das *Metamorfoses*, de Ovídio. Tradução: «Logo vai mais longe e leva a presa para o meio do mar. Ela está tomada de medo e volta-se para a praia deixada para trás de onde foi levada».

16. Agenor – Filho de Posídon e da Ninfa Lídia, foi rei de Tiro ou Sidon e pai de Europa.

Quando no Céu sereno
Entrava a aparecer o Sol doirado,
A soberana Europa,
30 Com peregrina tropa
De formosas Donzelas que a seguia,
Pisando a mole relva ao mar decia.

Europa, bela Filha
Herdeira do Fenício Rei potente,
35 Única maravilha
Daquele rico e vasto continente;
Europa, a quem destina
O Céu que vá benigna
Reinar em Creta e nome dar jucundo
40 À terceira e melhor parte do mundo.

Brincando satisfeita
Por debaixo dos Plátanos copados,
Airosamente enfeita
45 De flores os cabelos engraçados;
Flores que a companhia
Gostosa lhe oferecia,
Quando já do calor meia afrontada
À sombra se assentou desapertada.

Rodeia Aura laciva
50 A descuidada Ninfa mais formosa,
Mais engraçada e viva
Do que na madrugada a fresca Rosa;
E neste seu desmaio,
Do Olimpo o Deus do Raio,
55 Baixando a régia vista à Terra pobre,
O formoso espectáculo descobre.

E logo namorado
De tão divina e rara formosura,
Por Silénio ajudado,
60 Entre o Gado do Rei se desfigura;
Não como em oiro chove
O omnipotente Jove
Pela filha de Acrísio, estranha forma
De novo toma e em Toiro se transforma.

63. Filha de Acrísio – Dánae. Apesar de encerrada numa câmara subterrânea por seu pai, a quem o oráculo predissera que seria morto pelo neto, viria a ser seduzida por Zeus, sob a forma de uma chuva de ouro, que se infiltrou por uma fenda do tecto até ao peito da jovem.

65 Em toiro mui fermoso,
Que o pêlo tem mais branco do que a neve;
 Que tardo e vaporoso,
Saindo da manada donde esteve,
 Dissimulado anda
70 De uma e outra banda;
E (como que o seu pasto procurava)
Para a Fenícia Infante caminhava.

 Ela, que o vê tão manso,
Doméstico, pacífico, bem feito,
75 Quisera com descanso
Vê-lo mais a seu gosto; mas no peito
 O coração lhe esfria
 E sempre se desvia
(De Jove com pesar), bem que a figura
80 O ânimo mais tímido assegura.

 Perdido o horror primeiro
Na estranha mansidão, no gesto brando,
 Que o Toiro lisonjeiro
Artificialmente vai mostrando,
85 Europa se sossega
 E curiosa chega
Com as Ninfas gentis que a{s} vão seguindo,
Para ver mais de perto o animal lindo.

 O natural respeito
90 Que inda quando escondida a Divindade
 Causa a humano sujeito,
Se disfarçava em tal conformidade
 Que na bicorne frente
 Nem sequer se persente
95 O menor resplendor do Grão Tonante,
Que tudo fazer pode um Deus amante.

 Então sem mais cautela,
A filha de Agenor, de várias flores
 Tecendo uma capela
100 Como aquelas que tecem os Pastores,
 O manso Toiro afaga
 E já talvez pressaga
Dos futuros sucessos, por adorno
Cingiu de flores um e outro corno.

105 O Toiro fementido
Da Inocente Princesa as mãos beijava;
E ela, que do fingido
Animal cada vez mais se fiava,
Ultimamente veio
110 A subir sem receio
No Toiro, que se inclina e o verde Prado
Com ela corre alegre e sossegado.

Chegou-se para a Praia
Do mar, aonde aos poucos se metia;
115 E como quem se ensaia
Para o famoso roubo que empreendia,
Tornava a trazer fora
A Principal Senhora,
Que mais se descansava e descuidava
120 Da vil Traição que Jove meditava.

As Ninfas que a serviam
Cantando e rindo vão de a ver gostosa;
De flores mil cobriam
A de Jove futura e bela Esposa;
125 Mas eis que de repente
(E quando mais contente
A linda Europa estava) na mais alta
Porção salobra o branco Toiro salta.

Não corre tão ligeira
130 A Nau de rijos ventos impelida;
Não tanto na carreira
Desaparece a Corça perseguida;
Não em tempo tão breve
O Passarinho leve
135 Os ares rompe, como afoito e ousado
No mar se arroja o Toiro levantado.

Com o fermoso peso,
O roubador d'Europa as ondas corta
E de perigo ileso
140 De Cândia aos novos climas o transporta;
A pálida Donzela,
Tornando a vista bela
Para a saudosa e Tíria companhia,

140. Cândia – Nome por que também foi conhecida a ilha de Creta.

Parece que chorando assim dizia:

145 «Dorina, Alcínoe, Glaura,
Valei-me, acompanhai-me, socorrei-me;
 Qual é que me restaura?
Acudi-me, salvai-me, defendei-me.
 Não já por companheiras,
150 Amigas verdadeiras,
Mas ao menos por pena, por piedade,
Por esta oculta Lei da Humanidade.

 «Correi ao Padre amigo
E dizei-lhe que venha a libertar-me;
155 Correi, como vos digo,
Senão tarde virá para livrar-me;
 Contai-lhe como a Filha
 Numa vivente Quilha
(Se é que de dar-me a morte se não trata)
160 Lhe rouba atroz indómito Pirata.

 «Nem uma me socorre!
Em vão suspiro, choro, em vão discorro;
 A triste Europa morre
Se não lhe acode alguém a dar socorro,
165 E vida»... Interrompida
 Nesta palavra *vida*,
A voz de todo quase sufocada
Tirou no peito e mal se ouviu truncada.

 Só com a mão direita
170 A Disgraçada, Mísera e Mesquinha
 (Entanto a vista deita
À praia) num dos cornos se sustinha;
 Com a esquerda tremendo,
 Acenava estendendo
175 O Braço em vão, e a pena em que se achava
Somente por acenos explicava.

 Confundidas, absortas,
Pesarosas, imóveis e assustadas,
 E como de dor mortas,
180 As Donzelas estão no mar pasmadas.
 Em confusão tamanha,
 Cada qual a acompanha
De seus olhos, ao longe a voz ouvindo

Da Princesa Real que vai fugindo.

185 Qual às ondas se lança,
Desejando segui-la na Disgraça;
 Qual a doirada Trança
De seus loiros cabelos despedaça;
 Qual os próprios vestidos,
190 De fina lã tecidos,
Furiosa rompe; qual a dor expressa
Apertando as mãos ambas na cabeça.

 Qual os braços incruza
E leva aos Céus os olhos lacrimosos;
195 Qual os Astros acusa
De Severos, de Avaros, de Invejosos;
 Qual agastada grita,
 Qual triste, qual aflita
Roto um cândido lenço patenteia
200 Dois pomos em que Amor todo se enleia.

 Qual a chamar por ela
«Europa, Europa minha, lhe dizia,
 Aonde vás? Que Estrela
Te separa de nós? Onde te guia?
205 Primeiro que te escondas
 Lá nessas negras ondas,
Escuta-me sequer, fala, responde:
Aonde Europa vás? Dize-me aonde.

 «Formosa Navegante,
210 Torna atrás; ai de ti!, que vás perdida
 Em tão extravagante
Barca, de nós ‘té ‘qui desconhecida;
 Considera o perigo
 Em que estás; inimigo
215 Deve ser quem te leva e te procura
Nessas águas cruéis a sepultura.

 «Deveras assim deixas
As amigas em tanto desamparo?
 Escuta as nossas queixas,
220 Os nossos ais escuta... Mas reparo,
 Reparo que estás muda

204. nós?] nós;

E que uma dor aguda
(Bem o mostra na cor teu lindo rosto)
Te vai já consumindo com desgosto.

225 «Torna, Animal tirano,
A trazer-nos a prenda que nos levas;
 Não, pérfido e profano,
À Filha do meu Príncipe não te atrevas.
 Logo por mau agoiro
230 Tive o ver este Toiro;
Meu triste coração bem mo dizia,
Mas se eu o dissesse então, ninguém me cria.

 «Ó justamente tristes
Companheiras, que tanto bem perdemos
235 À vista do que vistes;
Agenor que fará? Que lhe diremos?
 Quem a triste notícia
 Da Infante de Fenícia
Ao Velho Rei dará? Nem como agora
240 Tornaremos, amigas, sem Senhora.

 «Aonde, aonde iremos,
Órfãs, aflitas, sós, desamparadas?
 Como não viviremos,
245 Amigas, desde aqui desconsoladas,
 Se sempre, sempre impresso
 O mísero sucesso,
A Disgraça fatal, a triste História,
Havemos ter escrita na Memória?»

 Disse e de vista perde
250 A atónita e confusa sociedade,
 No mar escuro e verde,
Este objecto da mágoa e da saudade.
 Os vales e os oiteiros
 Os ecos derradeiros
255 Das Ninfas, que inda aqui se estão ouvindo,
Ficaram longo espaço repetindo.

242. desamparadas?] desamparadas,

248. Memória?] Memória.

O idílio é constituído por oitavas, que obedecem ao esquema rimático ABABCCDD. Do ponto de vista métrico, são usados o decassílabo e o seu quebrado, o hexassílabo. Do primeiro tipo são os versos 2, 4, 7 e 8, sendo os restantes hexassilábicos.

14. Epístola *Nem por ver-vos, Amigo, tão ditoso*

Testemunho manuscrito: BADE, FM, 424, f. 83r-85v

Epístola

Nem por ver-vos, Amigo, tão ditoso
Nesse Prado feliz que o Doiro banha,
Deixeis d'ouvir quem vive desgostoso;

5 De meu queixume triste a voz estranha
Merece que lhe deis piedoso ouvido,
Porque vos diga o mal que me acompanha.

Não pertendais de mim verso alto e erguido,
Que só costuma ser pesada e triste
A frase em que se explica algum gemido.

10 Que seja nessa ou noutra, não consiste
Nisso a graça dos Versos, se são feitos
À imitação da dor que n'Alma assiste.

15 Pastores ouvi já que por conceitos
Somente se explicavam; mas contudo
Não eram no lugar os mais aceitos.

Quem sofrera um tormento fero e duro
Que fé nos merecera se o contara
Da maneira que conta o mais sesudo?

20 Por mais alta expressão com que buscara
Fazer-nos vivamente uma pintura
De seus males, ninguém lha acreditara.

De um que vive malquisto da Ventura
Que se pode esperar senão que diga
Forçados versos de cadência dura?

25 Senão queixumes mil de que o persiga
Sem motivo a Fortuna injusta e cega
Que a tantas sem-razões no mundo obriga?

Senão que de ordinário tolhe e nega
O gosto em flor, a dita em novidade,

30 A quem a terra corre e o mar navega?
 Assim, meu caro Amigo, na Cidade
 Entre as glórias também ouvir-se deve
 Um triste habitador da soledade.

Aquele Pastor vosso vos escreve
 35 Que quase sempre em guarda ao manso Gado
 Convosco neste ameno campo esteve.

Aquele Anfriso sou que tão prezado
 (Enquanto Amor e a sorte o permitia)
 Foi dos outros Pastores deste prado.

40 Agora imagens tristes de agonia
 São todas as que encontro nos lugares
 Adonde as vi de gostos algum dia.

Das formosas Pastoras os cantares
 Apenas se ouvem já, que a vossa ausência
 45 De mágoas encheu tudo e de pesares.

A bela Pastorinha, que a violência
 De um mal pagado amor também cantava,
 Já co{m} as outras não canta em competência;

A graça que em seu rosto sempre andava,
 50 Depois que vos não logra o nosso monte
 Da vista mais curiosa se ocultava;

Já não dece ao cristal da fresca Fonte
 Que fica da choupana tão vizinha,
 Quando o Sol vai fugindo do Horizonte.

55 Qualquer outra Pastora que antes tinha
 O costume de vir com ela ao vale,
 Depois que vós vos foste{i}s já não vinha.

Não há Pastor, amigo, que não fale
 Da falta que fazeis, de mágoa cheio,
 60 Ou peito que de dor se não estale.

48. A métrica impõe esta apócope.

Todos choram de ver que o tempo veio
Em que faltando a vossa companhia
Faltasse para o gosto o melhor meio.

65 A mim me lembra um dia que o Sol ia
Nas ondas esconder-se, ouvir queixar-se
Da Fortuna um Pastor, que assim dizia:

«Quem pode haver que deva contentar-se
Dos mimos da ventura, se não dura
Nenhum deles a tempo de lograr-se?

70 «Não há Ventura amena tão segura
Que mil vezes não mude, e mal se fia
Quem se fia nos logros da Ventura.

75 «Quem pudera temer ou quem diria
Que Lereno, Pastor que eu mais prezava
Que tudo quanto meu no monte havia,

«Sem ver as grandes penas que me dava,
Procurasse outro aprisco, outro rebanho,
Que tanto deste meu distante estava?

80 «Que partisse a viver em monte estranho,
Deixando para sempre a nossa Aldeia
Sepultada e metida em mal tamanho?

«Nem sequer por ouvir a Doroteia
Ou ver dançar a Eugénia peregrina,
Outro acordo tomou, mudou de ideia.

85 «Parece que a desgraça determina
Tantos males assim, pois tudo andava
Pronosticando há muito esta ruína.

90 «Aquele negro corvo, quando dava
Três voltas sobre nós estoura tarde
Em que Lereno ali cantando estava,

«Comigo disse logo: *Deus nos guarde*

69. lograr-se?] lograr-se.

78. estava?] estava:

81. tamanho?] tamanho:

*Que este agoiro nos caia; bem conbeço
Que é mal que está por vir ou cedo ou tarde.*

- 95 «Além disso, tomei por caso avesso
A morte repentina de um cordeiro
Que na luta me foi julgado em preço;
- «A Disgraça que teve o meu rafeiro,
De que ficou perdido e quase coxo
Entre as garras de um Lobo carniceiro;
- 100 «Ultimamente a triste voz de um Mocho
Que ouvimos muitas noites a esta parte
Primeiro que o Sol rompa o manto roxo;
- «Tudo indícios me dava, que desta arte
Costuma antecipar a Providência
105 Os avisos dos males que reparte.
- «Não tardou muito, não, que a dura ausência
De Lerenos nos deu tantos pesares
Que os não compreende a minha inteligência.
- 110 «Os meus olhos, com lágrimas a pares,
Para afogar a dor que n'Alma tenho,
Inda vertem mais água que dois mares.
- «Agora (e como cedo) a saber venho
Que não há bem que dure sobre a Terra
E que em vão a esperá-lo me entretenho.
- 115 «Lerenos aos nossos olhos se desterra;
Lerenos, o mais discreto, o mais famoso
Pastor que até 'qui viram vale e serra.
- «O Mondego parece que saudoso
Pela perda que fez, com passo grave
120 Vai regando o seu campo deleitoso.
- «Não há salgueiro ou choupo a que não cave
A profunda raiz; e ao mar salgado
Caminha mais medonho que suave.
- 125 «A tudo o mais que vejo o meu cuidado
Se estende e comunica; não sei como

Lhe estava tanto dano aparelhado.

«Se as minhas longas penas noto e somo
Pelas luzes do Céu sereno e santo,
É curto o grande número que tomo».

130 Aqui tinha o Pastor seu largo pranto,
Quando vinha da noite o triste rosto
Deitando sobre a terra o negro manto.

Levantou-se o Pastor, e tendo posto
Os olhos na choupana, a foi buscando,
135 Conduzindo consigo o seu desgosto.

Eu que estava no mesmo contemplando
E então somente vi que a noite vinha,
Também me fui do sítio levantando.

E como tanto ao próprio me convinha
140 A queixa que o Pastor soltava ao vento,
A dele vos remeto pela minha.

Vós, que tendes enfim conhecimento
Do mal que a triste ausência traz consigo,
Cuidando do Pastor e seu tormento,
145 Vereis qual fica Anfriso vosso amigo.

130. *tinba* parece adequar-se mal ao contexto. Uma solução possível seria *finda*.

A epístola é formada por decassílabos, agrupados em tercetos e numa quadra final. Os tercetos obedecem ao esquema rimático ABA, sendo que B é sempre retomado como A da estrofe seguinte. A quadra apresenta como modelo rimático ABAB.

15. Ode *Não procura palácios suntuosos*

Testemunho manuscrito: BADE, FM, 424, f. 96r-97r

Não procura palácios suntuosos
A estimável saúde;
O seu rosto agradável e risonho
Aos próprios Reis se esconde;
5 Ela faz com que seja venturoso
O colo peregrino,
Se entr'os crespos cabelos lhe aparece
Um semblante sadio.
O cativo remeiro fatigado
10 Do ardente Sol não fuja;
Em ferros envolvido o duro corpo,
Trabalhe o dia inteiro;
O queimado semblante ande banhado
De violento suor;
15 Apressado mastigue e poucas vezes
O corrupto biscoito;
Mas traga o rosto alegre e sossegado
Entre as duras prisões,
Se da pálida doença não tem visto
20 O macilento aspecto;
Se com braço robusto e vigoroso
Aperta o duro remo.
Inda sinto inflamar-me em teus louvores,
Ó saúde aprazível!
25 Tu és Filha do Céu, Mãe da alegria,
Dom de Deus piedoso;
Se os míseros mortais expõem as vidas
Por inúteis riquezas;
Por elas que fariam se servissem
30 De te fazer propícia?
Filha do Céu benigno, se te deras
Por oiro ou fina prata,
Eu não temera as encurvadas ondas
Do férvido Oceano;
35 Nos ocultos sertões não receara
O Bárbaro Tapuia;
Não me assustara o dente venenoso
De enroscada serpente;
Do fértil Oriente nos oiteiros

40 Cavaria ansioso,
Por ver se das entranhas te trazia
Abundantes tesoiros.
Mas a bela Saúde é dom celeste
Só aos justos devido.
45 Ela foge dos ímpios que se assentam
A saborosas mesas,
Que adormecem em leitos guarnecidos
De seda preciosa,
E vai guardar em pródigo cuidado
50 O pobre pescador
Que sobre ásperas rochas, sem abrigo
Aos rigorosos tempos,
Vai nutrindo no corpo mal vestido
Um Coração sincero,
55 Que humilde sabe erguer ao Céu piedoso
As inocentes mãos.

A ode é formada por versos brancos. Quanto à métrica, o decassílabo alterna com o seu quebrado, o hexassílabo.

16. Égloga *Graças a Deus que já dos seus tesouros*

Testemunho manuscrito: BGUC, 2555, f. 8r-10r

Graças a Deus que já dos seus tesouros
Abre as portas o Sol, mostrando à terra
Soltas madeixas de cabelos louros!

5 Pouco a pouco o Inverno se desterra
E derretida a neve congelada
Vai-se tornando verde a branca serra.

Deixando a pompa da corrente inchada,
Já mais pobre o Mondego vai fugindo
Desta fértil campina dilatada.

10 O monte, o prado e tudo se está rindo,
Na esperança de ver com brevidade
Da bela Primavera o rosto lindo.

15 Finalmente, do tempo a amenidade
Vem alegrar o mundo e dar motivo
Para a minha maior felicidade.

Já terão minhas penas lenitivo;
Pois agora verás, ó Ninfa bela,
Em cuja vista só me julgo vivo.

20 Não tem o Céu mais brilhadora estrela
Nem há no campo flor mais primorosa
Que em nada possa comparar-se a ela.

Oh!, se assim como é bela, se piedosa...
Porém esse erro foi da natureza,
Que tão bárbara a fez quanto formosa.

25 A firme fé, o puro amor, despreza
Que lhe rendi desde o primeiro instante
Que vi tão raro assombro de beleza.

E foi a seta de amor tão penetrante

28. Tal como está, o v. tem 11 sílabas. Uma emenda possível consistiria na supressão da copulativa inicial.

30 Que por mais que ela teime a desprezar-me
Não poderei deixar de ser-lhe amante.

Ah, se um dia Cupido, por vingar-me,
Lhe abrasasse de sorte o peito frio
Que um breve instante só chegasse a amar-me!

35 Veria a sem-razão do seu desvio;
Mas de que serve a ideia em que me canso,
Se quanto cuido mais mais desvario?

Quantas palavras, quantas vistas lanço
À parte aonde a Ninfa cruel mora
Em nada lhe perturbam o descanso.

40 Triste de quem amando ausente chora,
Desde que morre o Sol até que o dia
Vem correr a cortina a roxa Aurora!

45 E por bem satisfeito se daria,
Se em prémio de tais ânsias e tormentos
Um olhar só de Tírce conseguira.

Bárbara Tírce, a quem centos a centos
Invio os meus terníssimos suspiros,
A todo o instante, a todos os momentos;

50 Vê que a tua isenção e os teus retiros
Fazem correr as lágrimas perenes
Pelo meu triste rosto em largos giros.

Os meus puros afectos não condenes;
Antes aceita (assim o Céu permita)
Que jamais por nenhum ingrato penes.

55 Não rogo me concedas outra dita
Mais que deixar-me ver teus belos olhos,
Por quem esta alma sempre vive aflita.

60 Eles podem fazer com que os abrolhos
Troquem a sua rústica aspereza
De tenras flores em cheirosos molhos.

Eles podem fazer que da dureza
De um negro pedrenal feio, escabroso,

- Brandas águas produza a natureza.
- 65 Tírce, se nada disto te é custoso
E podem os teus olhos fazer tanto,
Que te custa fazer-me venturoso?
- As mesmas feras vejo, com espanto,
Mostrarem-se a meus ais enternecidas;
Só tu, bárbara, zombas do meu pranto.
- 70 Se eu visse te seriam atendidas
As prendas que a ti guardo destinadas,
Já há muito tas teria oferecidas.
- 75 Tenho duas capelas concertadas
De perpétuas vermelhas e amarelas
.....
- Tenho dois passarinhos, além delas,
Que uma noite furtei do pátrio ninho,
Sendo só testemunhas as estrelas.
- 80 Também te guardo um tenro cordeirinho,
Um bem feito cajado e um pelico
Das finas peles do mais branco arminho.
- E tudo desde agora te dedico;
Nem te seja, por pobre, pouco aceito,
Pois só me fez de amor a sorte rico.
- 85 Da tua formosura como efeito,
Enfim te rendo por trofeu, por palma,
Um firme coração dentro em meu peito,
A mais constante fé dentro em minha alma.

75. Este verso está riscado no original.

A égloga é formada por decassílabos, agrupados em tercetos e numa quadra final. Os primeiros obedecem ao esquema rimático ABA, sendo que B é sempre retomado como A da estrofe seguinte. A quadra apresenta como modelo rimático ABAB.

17. Soneto *Contra Amor e Fortuna, meus contrários*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 269

Contra Amor e Fortuna, meus contrários,
S'uma língua tivera ou voz de ferro,
Os queixumes que dentro n'alma encerro
Publicara ao mundo em termos vários.

5 Mostraria que Amor de seus erários
As portas m'abriu já, que em vil desterro
Fortuna irada, em pena do meu erro,
Trocou aqueles bens imaginários.

10 Das duas Divindades mal regido,
Uma a grandes empresas m'importuna,
Outra rebate o pensamento erguido;

Inimigas, não há poder que as una,
Que sem amor fortuna é bem perdido,
Como amor é perdido sem fortuna.

18. Soneto *Coridon, Coridon, dentro das veias*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 270

Coridon, Coridon, dentro das veias
O triste sangue meu sinto gelado,
Quando vejo perdido andar teu gado,
Perdidas tuas míseras colmeias.

5 Choram-te as Ninfas, choram-te as Napeias,
Até por ti parece chora o prado;
«Córidon, Córidon de nós amado»,
Vejo escrito nos troncos, nas areias.

10 Quando tempo virá, ó sorte impia,
Em que ornando-te a fronte de mil flores
Venhas cantar em nossa companhia?

Mas, ó fado cruel! duros rigores!
Quando, ó morte, será aquele dia
Em que vejas constantes teus pastores?

19. Soneto *A Lira rouca, já destemperada*

Testemunhos manuscritos: BADE, FM, 542, p. 234 = \mathcal{A} / BNL, 8610, p. 271 = \mathcal{A}_1 / BNL, 8603, p. 607 = \mathcal{A}_2

Versão de \mathcal{A}

À Arcádia

A Lira rouca, já destemperada,
Aqui de um freixo deixarei pendente;
Passando o Caminhante se lamente
De a ver emudecida a um tronco atada.

5 Se aquela Arcádia nobre em que estimada
A Lira tocou já tão docemente
Agora se desfaz, quanto ela o sente
Conheça quem a vir dependurada.

10 Nunca mais deste rústico instrumento
Se forme na infeliz concavidade
Voz que possa expremir contentamento;

Sirva posta no horror da soledade
Ou de culto of{e}recido ao sentimento
Ou de vítima triste da saudade.

Legenda. À separação da Arcádia de Lisboa \mathcal{A}_2 *Falta em \mathcal{A}_1*

1. rouca, já] rouca e já \mathcal{A}_1 \mathcal{A}_2

7. ela] essa \mathcal{A}_1

9. deste] neste \mathcal{A}_2

10. Se forme] Alterne \mathcal{A}_2

13. of{e}recido] oferecido \mathcal{A} \mathcal{A}_1 \mathcal{A}_2

13. A métrica impõe esta síncope.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

20. Soneto *Uma única Ovelha era o meu gado*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 272

Uma única Ovelha era o meu gado,
Nem mais Ovelha nem mais gado tinha;
Do leite que ela dava me mantinha
E era o gabão da sua lã forrado.

5 Pastor mais rico que eu, mais abastado,
E que em tom d'amizade ao Casal vinha,
Ganhando inveja da pobreza minha,
Fugiu com ela a mais feliz montado.

10 Roubou-ma, e lá n'alguma estranha cova,
Porque a busco há mil dias e a não vejo,
D'istante a instante o meu pesar renova.

Ó tu, que és guarda tutelar do Tejo,
Não busques pena ao seu delito nova;
Sinta a mesma que eu sinto, é de sobejo.

21. Soneto *Uma tarde, inda o tenho no sentido*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 273

Uma tarde, inda o tenho no sentido,
Em que sozinho com Nitóire estava,
Num peito buliçoso lhe tocava,
D'ousado menos que d'amor movido.

5 A Pastora com gesto enfurecido
Os lindos olhos sobre mim voltava,
E sem dizer palavra s'ausentava
De mim, da Aldeia e do Casal perdido.

10 Nunca mais quis ouvir-me e lá m' acusa,
Onde está, de que a muito m'atrevera,
Como s'amor de vãos respeitos usa.

Ah, não sejas, Nitóire, tão severa!
Vê que é tal o meu erro e tal a escusa
Que outra vez t'agravara se pudera.

22. Soneto *Quanto custa, caríssimo Almenino*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 274

Quanto custa, caríssimo Almenino,
Por estes solitários arredores
Não ouvirem os tristes guardadores
O teu Canto celeste e peregrino.

5 As Pastoras das tranças d'oiro fino
Não curam, descontentes, nem de flores
Como dantes s'enfeitam os pastores
Nas margens do ribeiro cristalino.

10 Cada qual entre as lágrimas que verte,
Proferindo o teu nome, em vão s'assusta
Da mágoa, sem remédio, de perder-te;

Chama bárbaro a Pã, Diana injusta;
Ora infere daqui, viver sem ver-te,
Caríssimo Almenino, quanto custa.

23. Soneto *Dum mau Legislador a lei mesquinha*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 275

Dum mau Legislador a lei mesquinha
A que extremos não leva o peito humano!
Qual foge a quem o leva e por seu dano
Após de quem lhe foge então caminha.

5 No mesmo trato que os seguros tinha
Duma jurada fé s'encontra engano,
Que em todo o Império do fatal tirano
É sempre a pena do prazer vezinha.

10 Tão claras sem-razões o mundo observe
E achará que inda o bem que alcança hoje
Amanhã pode ser que o não conserve;

Haja, Amor, quem do ceptro te despoje.
Se pagas dessa forma a quem te serve
Qual a pena será de quem te foge?

24. Soneto *Visão triste ante os olhos s'ofrecia*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 276

Visão triste ante os olhos s'ofrecia,
Formosa Anarda, em noite escura e feia,
Tal que somente de ajuntar na ideia
O corpo ainda, o coração m'esfria.

5 Sonhei que d'alto sobre mim caía
Sombra fatal, que em torno me rodeia,
Nas mãos trazendo lânguida candeia,
Que longe a um canto do aposento ardia.

10 «Mais breve que esta luz, em tom medonho
De voz me disse, desgraçado amante,
Teu alto bem na duração suponho»;

Acordo e já não vejo o Espectro errante;
Porém tomando por agoiro o Sonho,
Choro o perdido desd'o mesmo instante.

25. Soneto *Maligna estrela o puro affecto nosso*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 277

Maligna estrela o puro affecto nosso
/*Alte[r]a/, em ódio ao prazer converte;
Todos podem falar-te e podem ver-te,
Só eu nem ver-te nem falar-te posso.

5 Impede muro levantado e grosso
Que nem meus braços a teu peito aperte;
Nem cá de longe me convém dizer-te
O que m'ensina o Sagitário moço.

10 Discorra embora perseguido e triste
O frágil corpo, não s'apaga a chama
Que eternamente na minha alma existe;

Nenhum estorvo o puro amor inflama:
O mesmo serei sempre qual me viste,
Que enfim não ama o corpo, a alma é que ama.

2. De acordo com a leitura – dubitada – que fizemos, pareceu-nos haver uma gralha no original, que por isso corrigimos.

26. Soneto *Esse laço que armou o Deus vendado*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 301

Esse laço que armou o Deus vendado
Para prender-me a solta liberdade,
Cheio de gosto, cheio de vontade,
Brevemente o verás despedaçado.

5 Assim mesmo partido, assim quebrado
(Porque vejas qual é minha verdade),
Nas tuas mãos, à tua Divindade
Prometo que há-de ser sacrificado.

10 Pisa-o, abrasa-o, que eu verei constante,
Sem temor, sem paixão, sem cobardia,
Subir ao Céu o fumo tremulante;

Eu mesmo arrojarei a cinza fria
No manso Letes; vê s'isto é bastante
Para vencer, para agradar-te um dia.

27. Soneto *Por mais que o mar, ó Fábio, embravecido*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 302

Por mais que o mar, ó Fábio, embravecido
Contra o rochedo altivo se levante;
Por mais que furioso o Noto espante
A robusta altivez do Cedro erguido;

5 Só servirá seu bárbaro ruído
De o deixar mais soberbo e mais constante;
Só servirá sua cólera arrogante
De o deixar mais ufano e presumido.

10 Mais que o rochedo ao mar, que o cedro ao vento,
Sobre as injúrias da inconstante sorte
Sempre igual teu espírito s'eleve;

Pois todo teu furor, bem que violento
S'arme contra o Valor do varão forte,
É, Fábio, espuma vã, é sopro leve.

28. Soneto *É sintoma beleza e formosura*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 303

É sintoma beleza e formosura,
E tão maligno que a inocente vida,
Nesciamente a seu dano agradecida,
Com semblante do bem, seu mal procura.

5 A que vieste ao mundo, ó sem ventura,
Beleza criminal, prenda homicida,
Mais que a fazer das almas pertendida
Como dília a própria desventura?

10 Não bastavam as vítimas humanas,
Sem que da morte os triunfos sacrilégios
A ser por ti passassem d'improviso?

Alerta pois, Deidades soberanas,
Que não valem divinos privilégios,
Pois a morte entrou já no Paraíso.

29. Soneto *Cópia gentil que a mão do Omnipotente*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 304

Cópia gentil que a mão do Omnipotente
Fez a rasgos de luz tão clara e pura
Qu'entre um e outro mal se conjectura
S'um é dois ou se dois é um somente.

5 Tão semelhantes sois, tão vivamente
Um ao outro retrata ou transfigura
Que não destingue o sexo a formosura
Nem a unidade o mundo desmente.

10 Já que sois por milagre de beleza
Um par sem par, agora em doce calma
Faça Amor o que fez a natureza;

E valendo um ao outro a mútua palma,
Se dois um corpo sois na gentileza,
Sede assim na fineza dois uma alma.

8. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 5-7-10.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

30. Soneto *Não é, não, generosa simpatia*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 305

À morte de César

Não é, não, generosa simpatia,
Júlio soberbo, o impulso temerário
Com que intentas na estátua do vil Mário
Afrontar a Romana Monarquia.

5 Bem sabe em Roma o mundo que a porfia
De a colocar no público sacrário
Foi só por haver sido o faccionário
Pedra angular da tua tirania.

10 Ah, César, César! Queres erguer Templo
À Sorte? E és tão mal aconselhado
Que o fundas sobre pedras arruinadas?

Pois pode ser, e com bem triste exemplo,
Que as pedras que hoje pisas no Senado
Dentre os teus pés as vejas levantadas!

31. Soneto *Que acção misteriosa t'embaraça*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 306

Que acção misteriosa t'embaraça,
Magnânimo Alexandre, a que não queiras
Ver nessas três belíssimas Guerreiras
D'Ásia toda a dilícia e toda a graça?

5 É por não agravar da sorte escassa
O rigor entre vistas lisonjeiras,
Ou porque de tão altas prisioneiras
Não te cabe nos olhos a desgraça?

10 Bem pode ser, e eu mais de ti confio,
Mas penetrando mais profundamente
Do teu peito o sagrado mist{e}rioso,

Não viste as caras prendas de Dario
Porque da vista o pejo reverente
Do coração foi medo valeroso.

11. A métrica impõe esta síncope.

1.-14. Este soneto toma por base o episódio da história clássica relativo ao combate entre o macedónio Alexandre III, o Magno, e o persa Dario III. A batalha ocorreu em Isso, em 333 a.C., tendo sido favorável a Alexandre, que se apoderou da mulher, do filho e das três filhas de Dario.

ABBA / ABBA / CDE / CDE

32. Soneto *Passa o dia, a semana, o mês e o ano*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 307

À brevidade da vida

Passa o dia, a semana, o mês e o ano,
E sendo cada instante um homicida,
A esta perene morte chama vida,
Por antífrase, cego o nosso engano.

5 Quando com verdadeiro desengano
Esta tão ignorada e desabrida
Evidência fatal há-de ser crida
E há-de ser conhecido o nosso dano?

10 Da Puerícia é morte a Adolecência,
Da Adolecência é fim com igual dano
A consistência, e desta a extrema idade;

Que bom fora acabar, s'em consequência,
Que assim como sucede à vida a morte,
Não sucedesse à morte a eternidade!

10. A palavra final do verso origina um esquema rimático anômalo. Supomos que deve haver gralha no original. Uma hipotética solução seria *sorte*.

ABBA / ABBA / CDE / CFE

33. Soneto *Não esquece o triunfo já passado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnazo, IV, [p. 141]

Não esquece o triunfo já passado,
Se existe algum despojo da vitória;
Não é do bem a posse transitória,
Quando fica na ideia o seu traslado;

5 No templo da minha alma está gravado
O rosto de Filena, e na memória
Gravou também Amor aquela glória
Em que me vi um tempo intronizado.

10 Pouco importa que a sua tirania
A meu peito fulmine uma vingança,
Se me não tira o bem que possuía;

Conspire contra mim toda a mudança,
Que para ser eterna a idolatria
Cá fica a bela Imagem na lembrança.

34. Soneto *Compôs um livro o Mestre Frei Luís*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnazo, V, [p. 80] = *A* / BNL, 8582, p. 81 (an.) = *A*₁

Versão de *A*

Resposta

Compôs um livro o Mestre Frei Luís,
Fez um soneto o Padre Frei Forjaz;
Um não sabe o que diz, por mais que faz,
Outro nem o que faz, por mais que diz.

5 O Mestre fez um livro de Aprendiz,
O Poeta um soneto de Rapaz;
Que só podem servir cá para trás,
Na limpeza do fétido país.

10 Proíbam-lhe que possam escrever,
Pondo o livro e o soneto em reclusão,
Porque se não dêem mais a conhecer.

Açoitem-nos e fiquem na prisão,
Que tais obras desdouro vêm a ser
Dos seus Frades, da Pátria e da nação.

Legenda. Faltam em A₁

1. o Mestre] o Padre *A*₁

2. Fez] Fez-lhe *A*₁

7. podem] pode *A*₁

9. Proíba-se-lhe logo o escrever *A*₁

11. dêem] dê *A*₁

12. fiquem na] vivam em *A*₁

Legenda. Trata-se da resposta ao soneto *Zape, zape, zus, truz, zabumba nele*, que o mesmo testemunho atribui a “Forjaz”, certamente Frei Joaquim Forjaz Pereira Coutinho, e que publicaremos no capítulo V.

1. O livro em causa é o *Compendio de Orthographia*, de Frei Luís do Monte Carmelo, publicado em 1767 (Lisboa, Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo).

ABBA / ABBA / CDC / DCD

B. POEMAS DE AUTORIA DUVIDOSA

35. Soneto *O semblante risonho e engraçado*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 12 (an.) = A_1

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 17 = A / BNL, 8603, p. 602 (Manuel Inácio de Sousa) = A_2 / BADE, FM, 424, f. 27v = A_3 / BPMP, 1129, p. 31 (Manuel Inácio de Sousa) = A_4 / BA, 50-III-48, f. 2r (an.) = A_5

Versão de A

O semblante risonho e engraçado
Me voltou a suavíssima alegria;
Nas cruéis mãos da hórrida agonia
O aflito coração sinto apertado.

5 A medonha tristeza vejo ao lado
Fazer-me acerba e horrível companhia;
E até sinto vogar na fantasia
A triste imagem do meu doce estado.

10 Com seu pesado braço a desventura,
Descarregando em mim golpes violentos,
Me vai levando à fria sepultura.

Que tristes, que horrorosos pensamentos!
Eu vejo a morte involta em névoa escura,
Mas não chego a pôr fim aos meus tormentos.

4. O aflito] O triste A_5 , sinto] vejo A_5

7. vogar] vagar A_1 A_5 andar A_4

8. A triste] Ó triste A_4 , do meu] de meu A_3 , doce] feliz A_2 A_3 A_4

14. chego] chega A_1 A_2 A_4 A_5 , aos meus] a meus A_2 A_3 A_4

ABBA / ABBA / CDC / DCD

V. ANOTAÇÃO COMPLEMENTAR DE POEMAS

Peça 7. Ode *Como torna outra vez à nossa idade*

Alberto Pimentel, em *O Porto por Fora e por dentro* (s.d.: 90), referindo-se à figura de João de Almada e Melo, transcreve uma passagem da ode de Francisco de Sales. Nas páginas seguintes, faz referência a outros poemas dedicados a esta importante figura da história portuense, de que cita algumas passagens. Foi contudo Carlos de Passos (1968: 18) quem apresentou uma relação circunstanciada das numerosas e variadas composições literárias dirigidas ao primeiro dos Almadás. Foi também este historiador quem chamou a atenção para o soneto que o Abade de Jazente dedicou ao Governador das Armas do Porto: «Dos teus, ó Porto, antigos Horizontes» (*Poesias de Paulino Cabral de Vasconcellos, Abbade de Jazente*, tomo I, Porto, Oficina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1786, p. 105).

Peça 34. Soneto *Compôs um livro o Mestre Frei Luís*

O texto de Sales é uma réplica ao soneto *Zape, zape, zus, truz, zabumba nele*, que o mesmo testemunho manuscrito atribui a “Forjaz”, certamente Frei Joaquim Forjaz Pereira Coutinho.

De acordo com Inocêncio (1860: IV, 79-80 e 1884: XII, 41), Frei Forjaz era eremita agustiniano, tendo vivido entre 1742 e 1798. Sócio da Arcádia de Roma, da Real Academia de História e da Academia Real das Ciências, publicou várias obras em prosa e uma ode. O autor do *Diccionario Bibliographico* acrescenta que teria deixado algumas poesias manuscritas, entre as quais estariam sonetos satíricos dirigidos a Frei Luís do Monte Carmelo.

O poema de Forjaz é também transmitido, com variantes, por outros quatro testemunhos manuscritos: ACL, 27V, 325 (an.); BA, 49-III-54 – n.º 82 (an.); BGUC, 406, f. 134r (Frei Joaquim Forjaz); BNL, 8582, p. 69 (Frei Joaquim Forjaz). Editá-mo-lo de seguida a partir de BM, Flores do Parnazo, V, [p. 79]:

Em aplauso do célebre Dicionário do Padre Mestre Frei Luís do Monte Carmelo

Zape, zape, zus, truz, zabumba nele;
Alerta, Amigos meus, vamo-lhe ao fole;
Não cuide o tolo que por cá se engole
A lição que no livro nos deu ele.

Façamos com que o Padre se arrepele
Ou que de ser Autor se desconsolle;
E porque asneiras mais não desenrole,
Com quatro pulhas se lhe zurza a pele.

Mas pulhas não, porque isso é ser rapaz;
Não é rezão se empulhe quem nos diz
Uma língua que já nos fica atrás.

É de um copo quebrado o som tris, tris;
Albarda é um gibão que agora traz
Sobre os ombros o Padre Frei Luís.

Refira-se ainda que há outro soneto com uma primeira quadra idêntica à do poema de Francisco José de Sales, do qual se revela globalmente próximo. Transmitido por BNL, 8582, p. 80 e BGUC, 406, f. 143r, figura em ambos os manuscritos sem indicação de autoria. Editá-mo-lo aqui a partir do último testemunho:

Compôs um livro o Padre Frei Luís,
Fez-lhe um Soneto o Padre Frei Forjaz;
Um não sabe o que diz, por mais que faz,
Outro nem o que faz, por mais que diz.

Só a palavra *Burro*, por um triz,
O bom vocabulário é que não traz;
E o Poeta, na Sátira incapaz,
Mostra daquele autor ser aprendiz.

Um em prosa, outro em verso, ambos dois sós,
Mutuamente compondo o seu tum, tum,
Vêm a falta a suprir daquela voz.

Que importa pois {e}squecesse tremo algum,
Se no que ambos escrevem vemos nós
Lembrado o próprio nome de cada um.

A obra de Frei Luís do Monte Carmelo motivou outros poemas satíricos. Apresentamos de seguida uma relação, certamente incompleta, desses textos, repartidos por formas poemáticas e ordenados alfabeticamente pelo primeiro verso, que foi objecto de normalização ortográfica:

I. Poemas em décimas heptassilábicas

Este tal Livro ou Livrão
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 94-97 (an.)

Quem bate a esta Portaria
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 98 (an.)

II. Sonetos

À grega gente, à inculta cafraria
Testemunhos manuscritos
BA, 49-III-54 – n.º 150, g (an.)
BNL, 8582, p. 77 (an.)

A página sofri, tive o caminho
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 91 (an.)

A plebe inteiramente o que é trás, trás
Testemunho manuscrito
BA, 49-III-54 – n.º 150, h (an.)

A plebe inteiramente o que é *truç, truç*
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 78 (an.)

Arre é andar e *Burro* é ser jumento
Testemunhos manuscritos
BA, 49-III-54 – n.º 150, e (an.)
BNL, 8582, p. 72 (an.)

Arre lá, tanta asneira amontoada
Testemunhos manuscritos
BA, 49-III-54 – n.º 150, b (an.)
BNL, 8582, p. 74 (an.)

Este, ou Livro ou compêndio ou que se chama
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 93 (an.)

Imprimiu correctíssimas doutrinas

Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 88 (an.)

Meninos que quereis escrever certo
Testemunhos manuscritos
BA, 49-III-54 – n.º 150, c (an.)
BNL, 8582, p. 76 (an.)

Meu Padre Frei Luís, não posso crer
Testemunhos manuscritos
ACL, 27V, p. 324-325 (an.)
BA, 49-III-54 – n.º 83 (an.)
BA, 49-III-60, p. 179 (P.º Brás da Costa de Mendonça)
BNL, 8582, p. 79 (an.)

Não há mais sapientíssima fadiga
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 89 (an.)

Não o Autor, mas quem tanto revê nele
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 86 (an.)

Nem os *contos* sem conto de *Trancoso*
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 92 (an.)

Parabéns, sábio Luís, vos damos todos
Testemunho manuscrito
BA, 49-III-54 – n.º 150, a (an.)
BNL, 8582, p. 73 (an.)

Que diabo te moveu, ó Frei Luís
Testemunhos manuscritos
BA, 49-III-54 – n.º 150, f (an.)
BNL, 8582, p. 75 (an.)

Que diz a isto, Mestre Frei Luís?
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 82 (an.)

Recebei, meus meninos, o conselho
Testemunhos manuscritos
BA, 49-III-54 – n.º 150, d (an.)
BNL, 8582, p. 71 (an.)

Tal micelânea, tão amontoadas
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 90 (an.)

Tão mau o livro está! Que viram nele
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 85 (an.)

Um composto de grande Ortografia
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 87 (an.)

Vá feito zus, catrus, saltemos nele
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 70 (an.)

Zabumba outra vez nele, que inda bole
Testemunho manuscrito
BNL, 8582, p. 84 (an.)

VI. BIBLIOGRAFIA

A. Testemunhos impressos

BARBOSA, Januário da Cunha

1830, *Parnazo Brasileiro ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como já impressas*, tomo I, caderno 2.º, Rio de Janeiro, Typographia Imperial e Nacional.

1810, *Collecção de Poesias Ineditas dos Melhores Authores Portuguezes*, tomo II, Lisboa, Nova Offic. de João Rodrigues Neves.

1789, *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora e destinado para instrucção geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes*, Abril de 1789; Lisboa, Offic. de Filippe da Silva e Azevedo

1789a, *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora e destinado para instrucção geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes*, Maio de 1789; Lisboa, Offic. dos Herdeiros de Domingos Gonçalves.

1784, *Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, ou Compilação, tirada das melhores obras das nações estrangeiras*, traduzida, e ordenada por *** C.I.; tomo VI, Lisboa, Typografia Rollandiana.

SALES, Francisco José de

1789, *No dia 21 de Setembro de 1788. Faustissimo pelo nascimento do Il.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor D. Thomaz Joseph de Mello, do Conselbo de Sua Magestade, Cavalleiro da Sagrada Religião de Malta, Coronel do Mar, da Armada Real da mesma Senhora, Governador, e Capitão General de Pernambuco, Paraíba, e mais provincias annexas, &c. &c. &c. Acabada a representação do insigne drama de Metastasio intitulado 'Ezjo em Roma' recitou o primeiro actor a seguinte Licença composta por Francisco Joseph de Sales*, Lisboa, Offic. Patriarc. de Francisco Luiz Ameno.

SALES, Francisco José de

s/d, *Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Joam de Almada, e Mello. Do Concelbo de S. M. F. Tenente General dos seus Exércitos, com o Governo das Armas do Porto, e seu Partido. Governador das Justiças, Prezidente da Marinha, e da Câmara da mesma Cidade, &c. &c. &c.*, s.l., s.i.

B. Testemunhos manuscritos

I. Biblioteca da Ajuda

1. Ms. 50-III-48

II. Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora

– Fundo Manizola

2. Ms. 424

3. Ms. 542

III. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

4. Ms. 2555

IV. Biblioteca Mindlin (biblioteca particular de São Paulo)

5. Ms. intitulado «Collecção Poetica», vol. II

6. Ms. intitulado «Flores do Parnazo», vol. IV

7. Ms. intitulado «Flores do Parnazo», vol. V

V. Biblioteca Nacional de Lisboa

8. Cod. 8582

9. Cod. 8603

10. Cod. 8610

11. Cod. 11491

VI. Biblioteca Pública Municipal do Porto

12. Ms. 1129

C. Outros testemunhos manuscritos citados

I. Academia das Ciências de Lisboa

– Série Vermelha

1. Ms. 27

II. Biblioteca da Ajuda

2. Ms. 49-III-54 – n.º 150

III. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

3. Ms. 406

D. Ensaaios com elementos para o estudo de Francisco José de Sales

MORAES, Rubens Borba de
1969, *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da U.S.P.

MORAIS, Francisco
1949, *Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil*, in «Brasília», vol. IV – Suplemento: Publicação Comemorativa do Quarto Centenário da Cidade do Salvador; Coimbra, Universidade de Coimbra.

PASSOS, Carlos de
1960, *Os Almadás, Reformadores do Porto*, Porto, s.e. (separata de «Boletim dos Amigos do Porto», III, n.º 1-2).

PIMENTEL, Alberto
s/d, *O Porto por Dentro e por Fora*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron.

SILVA, Inocêncio Francisco da e ARANHA, Brito
1859, 1860, 1870 e 1884, *Dicionário Bibliográfico Português*, vols. II, III, IV, IX e XII, Lisboa, Imprensa Nacional.

TOPA, Francisco
1998, *Edição Crítica da Obra do Poeta Setecentista Manuel Inácio de Sousa 'Faialense'*, Porto, Edição do Autor.

TOPA, Francisco
1998a, *Para uma Edição Crítica da Obra do Arcade Brasileiro Silva Alvarenga – Inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos*, Porto, Edição do Autor.

E. Edições citadas de outros poetas da época

CABRAL, Paulino António
1786-1787, *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcellos, Abbade de Jazente*, 2 tomos, Porto, Oficina de Antonio Alvarez Ribeiro.

F. Dicionários

FALCÓN MARTÍNEZ, Constantino, FERNÁNDEZ-GALIANO, Emilio e LÓPEZ MELERO, Raquel
1997, *Dicionário de Mitologia Clássica*, Lisboa, Presença.

GRIMAL, Pierre
1992², *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, coordenador da edição portuguesa: Victor Jabouille; Lisboa, Difel.

SILVA, António de Moraes
1889, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Empresa Litteraria Fluminense.